

**CORPO**  
**MANIFESTO**

**SÉRGIO**  
**ADRIANO H**



Banco do Brasil apresenta e patrocina

# CORPO MANIFESTO

Curadoria  
Juliana Crispe  
Claudinei Roberto da Silva

# SÉRGIO ADRIANO H

Lume Cultural  
2025

**Banco do Brasil** apresenta e patrocina a exposição individual CORpo MANIFESTO, de Sérgio Adriano H, um dos nomes mais relevantes da arte contemporânea brasileira, que celebra 25 anos de carreira. O projeto tem curadoria de Juliana Crispe e Claudinei Roberto da Silva.

A mostra reúne 113 obras que atravessam diversas linguagens artísticas, como fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo. Por meio de uma estética visualmente impactante, o multifacetado artista usa o corpo como ferramenta de denúncia e reflexão, criando uma conexão profunda entre passado e presente, e desafiando o público a reconsiderar o lugar da arte na reparação histórica, evidenciando o racismo estrutural e a invisibilidade das populações negras.

Com a realização deste projeto, o **Centro Cultural Banco do Brasil** amplia a conscientização sobre representatividade, identidade e ancestralidade, a partir de narrativas decoloniais e autorrepresentação, apoiando e fortalecendo um cenário inclusivo nas artes plásticas.

**Centro Cultural Banco do Brasil**

06

## **CORpo MANIFESTO**

Juliana Crispe

10

## **Sobre o manifesto do corpo e o corpo manifestado**

Claudinei Roberto da Silva

14

## **COR-po Documento que media-DOR**

Renata Felinto

16

## **Obras e vistas da exposição**

24, 34, 48, 60, 94, 102, 110

## **Mediação educativa**

Renata Felinto

136

## **Recontar o Brasil com o CorpoLivro**

Renata Felinto

141

## **Ficha técnica das obras em exposição**

146

## **Biografias**

149

## **Tradução para o inglês English translation**

# CORpo MANIFESTO

**Juliana Crispe**  
curadora

A exposição *CORpo MANIFESTO*, de Sérgio Adriano H, provoca, por meio da arte, debates urgentes e necessários a serem pensados e dialogados por toda a sociedade brasileira. Com 25 anos de carreira, Sérgio sempre colocou seu corpo como campo de batalha, compreendendo-se como corpo coletivo, capaz de reorganizar e questionar as estruturas fixas e opressivas da construção de uma sociedade que deve ser recontada, desconstruída e transformada.

Desde o início de sua produção artística, Sérgio Adriano H traz como centro de suas pesquisas o racismo sistêmico, propondo evidenciar, através de sua produção, as histórias ausentes, apagadas, amordaçadas do povo negro, recontextualizando tudo o que a “história” nos apresentou como regimes de “verdades”.

Ao longo de sua trajetória nas artes, Sérgio construiu uma carreira consolidada, destacando-se em território nacional pela excelência de sua produção, pelo vigor de sua pesquisa, pelo profissionalismo e pela seriedade com que trabalha. Está presente em importantes acervos nacionais e vem construindo, a partir de sua ética e estética, uma poética necessária, como combate e ação, para mudanças urgentes e indispensáveis à contemporaneidade.

Ao enfrentar o racismo estrutural, Sérgio interroga e manifesta, com o seu corpo-cor, ações que colocam o nosso país, segundo estatísticas, entre os mais racistas do mundo. Isso contrasta com o fato de que, em termos percentuais, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 54,2% da população brasileira se declara negra, conforme dados do Censo de 2022.

Nesta exposição, Sérgio Adriano H nos apresenta reflexões que interrogam as narrativas tidas como legítimas, de identidades simbólicas, que, a partir da dita “construção” da história do Brasil – hoje compreendida como invasão, presidiada pelos processos coloniais –, propõem desconstruções e novos significados para olharmos o tecido social, as segregações, os modos velados da história da negritude e o racismo como mecanismo estruturante da nossa cultura.

Para Nêgo Bispo<sup>1</sup> (1959–2023), o processo de colonização é comparado ao adestramento. Ele nos ensina que adestrar e colonizar são atitudes equivalentes: *tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado, quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome*<sup>2</sup>.

Nêgo Bispo nos apresenta a urgência da não aceitação dos efeitos da colonização ainda hoje no mundo, apontando que há diversos mundos e modos de viver em uma sociedade e que não devemos subalternizar nossos modos de vida organizados por sistemas coloniais que insistem nas padronizações, no binarismo, nos processos de domesticação e nas sobreposições dos corpos.

Diante dessa dicotomia, os corpos invisíveis nessa teia social emergem das estruturas de ordenamento que naturalizam os corpos historicamente marginalizados. Dessa forma, Sérgio Adriano H expõe as fissuras sociais e políticas das quais a história da arte não está ilesa. O artista propõe desconstruções e novos significados sobre a história, o tecido social, as segregações, os modos velados do passado da negritude e o racismo como mecanismo estruturante da cultura brasileira, apontando novos presentes e futuros por vir.

No livro *O pacto da branquitude* (2022), escrito pela ativista brasileira Cida Bento, o conceito de branquitude refere-se à posição de privilégio histórico e de poder que as pessoas brancas sempre ocuparam na sociedade, imposta pelo racismo, advindo dos processos históricos e sociais de dominação. Para a compreensão significativa deste termo, é impor-

<sup>1</sup> Antônio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nêgo Bispo, foi um filósofo, poeta, escritor, professor, líder quilombola e ativista político brasileiro. Considerado um dos maiores intelectuais do Brasil, refletiu sobre problemas contemporâneos a partir das experiências quilombolas.

<sup>2</sup> SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023, pg.12.

tante entender que ele vai além da identidade individual branca, englobando práticas, valores e crenças que ainda hoje perpetuam as desigualdades raciais. Assim, para construir uma sociedade antirracista, é responsabilidade coletiva da branquitude romper com essas estruturas e lutar pelo fim da injustiça, estancando o massacre humano historicamente imposto pelos brancos.

Se Sérgio, como tantos outros artistas brasileiros, luta com e através de suas produções e de seu corpo para quebrar essa estrutura, nós, enquanto espectadores, devemos deixar de ser apenas contempladores de suas obras para nos tornarmos agentes ativos nas mudanças estruturais deste país. Sérgio nos convida a refletir sobre nosso passado e nosso presente, e reivindica um novo futuro em que, em seu maior sonho e idealização, está o desafio de transformar o significado das palavras PRETO (que tem a cor do piche, do carvão; negro) e NEGRO (cor escura que se assemelha à cor do carvão: o negro do asfalto), presentes em nossos dicionários, como sinônimo de LUZ.

Que esta exposição seja um manifesto para a história do Brasil, que precisa ser interrogada e reconstruída, ativando a educação como campo de ação e transformação. Que cada pessoa que visite *CORpo MANIFESTO* possa interrogar seu papel nesta sociedade e refletir sobre sua atuação nos processos de mudança.



# SOBRE O MANIFESTO DO CORPO E O CORPO MANIFESTADO

**Claudinei Roberto da Silva**  
curador

Nos trabalhos presentes nesta exposição *CORpo MANIFESTO*, Sergio Adriano H emprega uma gama variada de recursos narrativos necessários à abordagem polivalente que o artista emprega no enfrentamento de questões e fenômenos relacionados à própria constituição da sociedade brasileira como hoje a percebemos.

A construção do conhecimento que é manifestado e que, ao mesmo tempo resulta de uma realização artística ímpar, nunca prescindiu, nem prescinde, do corpo do próprio artista. Sendo assim, trata-se também da projeção simbólica de uma política do corpo, política que Sergio Adriano H engendra, de forma manifesta, por meio dos múltiplos dispositivos agora reunidos em exposição.

O arco temporal desta exposição retrospectiva é extenso, abarcando, portanto, vários períodos da nossa história recente, mas não somente dela, uma vez que, a partir da prospecção histórica realizada por Sérgio Adriano, evidencia-se a permanência das mazelas que ele denuncia e que, há pelo menos cinco séculos, vêm nos infelicitando.

Também se evidencia, por meio da plataforma que a exposição oferece, a resiliência de um artista que, apesar das não poucas adversidades inerentes ao nosso ambiente cultural, vem consolidando de maneira coerente o seu projeto artístico e, granjeando igualmente o reconhecimento do público e das instituições de arte.

Do repertório de abordagens que o artista emprega na produção de sua obra participam as múltiplas estratégias que

resultaram, por exemplo, em investigações sobre o cotidiano mais prosaico que podem redundar, por exemplo, em intervenções sobre objetos de uso doméstico, que são, então, ressignificados.

Mas esse repertório igualmente colabora para a profusa elaboração e produção de performances, fotografias, vídeos, esculturas e assemblagens. Isso se dá também graças à qualidade de uma sensibilidade polifônica, sempre engajada na investigação, compreensão e, eventualmente, na denúncia, de complexas situações que ele vem conseguindo transmitir de forma poética, contundente e profundamente particular. As ideias que, historicamente, foram sendo construídas sobre o corpo das pessoas negras penetram em determinados territórios antes que essas pessoas os alcancem. Aquilo que, nos territórios delimitados pelo racismo, se projeta, preconceituosamente, sobre o corpo da pessoa negra, chega sempre antes daquilo que efetivamente se sabe, ou se imagina saber, sobre o que é esse corpo do negro ou da negra.

Desde a sua invenção, na Europa do século XVIII, o racismo – que pretende confirmar a superioridade dos brancos sobre os não brancos – tem contribuído para a construção das narrativas que procuram confirmar da negra ou do negro uma irreal inferioridade. Parte importante dessa estratégia não pode prescindir do emprego do epistemicídio, do assassinio e destruição da memória dos descendentes brasileiros da civilização afroatlântica.

Recusar às maiorias que, por meio dos processos coloniais, foram sendo social e culturalmente “minoradas”, o acesso e o direito à preservação das suas histórias e memórias é parte da lógica que, nas suas contradições, o Iluminismo logrou instaurar. Coerentemente ao seu ideário, essa corrente do pensamento europeu estabeleceu uma divisão entre trabalho intelectual e outros de caráter manual e físico. Essa proposição foi conveniente aos arranjos que procuravam justificar, por todos os meios possíveis, a submissão e a escravização dos não europeus.

Através de seu trabalho, o historiador que, à sua maneira, Sergio Adriano H também é, nos convida a considerar que,

aquilo que nos é dado a conhecer sobre as civilizações ancestrais e originárias, confirma que elas não reconhecem e, logo, não participam da dicotomia que opõe o corpo à mente. A tentativa de esvaziar o corpo do outro da sua complexidade e humanidade, coisificando os corpos divergentes, é parte fundante daquilo que, estruturalmente, deu sustentação ao escravismo e continua a sustentar ao racismo que ele engendrou.

A arte contemporânea afro-brasileira tem conhecido um cenário de inédita exposição, o interesse das instituições de arte não é, no entanto, fortuito, já que ele corresponde ao reconhecimento de uma excelência tradicionalmente cultivada e agora, mais e mais perceptível. Para além disso, esse reconhecimento é também uma resposta das instituições a demandas históricas nascidas no bojo da sociedade brasileira, que emergem por pressão dos grupos historicamente excluídos e que, de maneira organizada, vêm reivindicando uma maior participação e presença em territórios que lhes são, frequente ou usualmente, interditados, entre eles, claro, os museus e as instituições congêneres.

Além disso, essa mobilização logrou criar políticas afirmativas e de inclusão que possibilitaram o acesso de negros e negras ao ensino de nível superior, o que contribuiu para o surgimento de profissionais que são imprescindíveis a um cenário cultural mais plural e mais diverso.

Desse modo, Sérgio Adriano H, o artista de corpo presente e negro, assume o protagonismo da própria história, que metafórica e objetivamente, deseja elaborar como capítulo de um livro onde se inscreve uma história de arte policêntrica e multicultural, descolonizada e diversa, onde na periferia do capitalismo vozes divergentes também podem discorrer sobre suas teses.



# COR-PO DOCUMENTO QUE MEDIA-DOR

**Renata Felinto**  
artista e educadora

Os trabalhos que Sérgio Adriano H apresenta na exposição *CORpo MANIFESTO*, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, equilibram crítica e poeticamente a urgência de disputar as narrativas históricas no território simbólico da arte. A cada obra, somos convocados/as/es a revisitar versões oficiais que sustentam, até hoje, o poder nas mãos da hegemonia branca — versões construídas por aqueles que se autodenominaram colonizadores, mas que integram, de fato, uma linhagem de invasores.

A História, área do conhecimento moldada sob pretensa neutralidade, é aqui desnudada. Sua importância é restituída por meio do gesto artístico, do corpo em performance, da reapropriação simbólica de livros, objetos e espaços. Cada trabalho erguido por Sérgio Adriano H revela omissões e distorções — ensinando que a historicidade está sujeita a curadorias ideológicas que escolhem o que e quem deve ser conhecido.

Devemos nos perguntar: a quem serve uma História que marginaliza saberes de povos não brancos? Que lugar ocupam as populações indígenas e africanas nos relatos oficiais, senão o da “contribuição cultural” reduzida a folclore ou adereço da brasilidade? O projeto colonial apaga epistemologias, tecnologias e modos de vida profundamente enraizados em outras cosmologias, reiterando sua ficção de superioridade.

Como aponta Denise Ferreira da Silva, em *A Dívida Impagável* (2024), o problema não é apenas a ausência de sujeitos racializados na História, mas a negação de sua humanidade plena. A modernidade ocidental instituiu-se como detentora do poder de decidir quem é sujeito e quem é coisa, quem pensa e quem ser-

ve. Ao recusar o status epistêmico às populações racializadas, a História torna-se uma operação contínua de apagamento.

Não se trata de uma dívida histórica saldável; é uma dívida impagável, pois foi forjada para não reconhecer o valor dos mundos destruídos. Como revertê-la, senão pela insurgência das imagens, pela reinvenção dos registros e pela restituição das vozes silenciadas?

Sérgio Adriano H inscreve sua existência como homem negro no cerne de seus processos criativos. Um corpo vulnerável, exposto ao risco — num país em que, segundo o *Atlas da Violência*, pessoas negras têm 2,7 vezes mais chances de serem vítimas de homicídio do que pessoas brancas (AGÊNCIA BRASIL, 2025). O gesto de estar em cena, trivial para artistas brancos, é, para artistas racializados, um ato de enfrentamento e sobrevivência.

Corpo que carrega textos, objetos e imagens que reinscrevem passagens da história pelo viés do pertencimento e do justicamento. Se há séculos poucos detêm o direito de narrar o mundo, é preciso perguntar: que histórias nos contam como verdade? Quem ficou fora dos livros? O que ganhamos — e o que perdemos — ao aceitar a branquitude como medida?

Nas artes visuais contemporâneas no Brasil, não basta decolonizar: é preciso contracolonizar. Enquanto a lógica decolonial ancora-se na crítica ao colonial, o conceito de contracolonialidade — como propôs Antônio Bispo dos Santos (1959–2023) — propõe centralidades forjadas a partir das epistemologias quilombolas, originárias e afro-diaspóricas.

Ao contracolonizar com suas imagens, gestos e símbolos, Sérgio Adriano H desloca o eixo do mundo e reinscreve a memória. Lembrar Bispo dos Santos aqui é afirmar que a arte, quando se alia à terra, ao território, à reeducação da memória coletiva, torna-se instrumento de cura, reordenação, reexistência.

E você, visitante: que histórias pode recontar com a sua presença? A quem pertence o poder de lembrar e de ser lembrado/a/e?

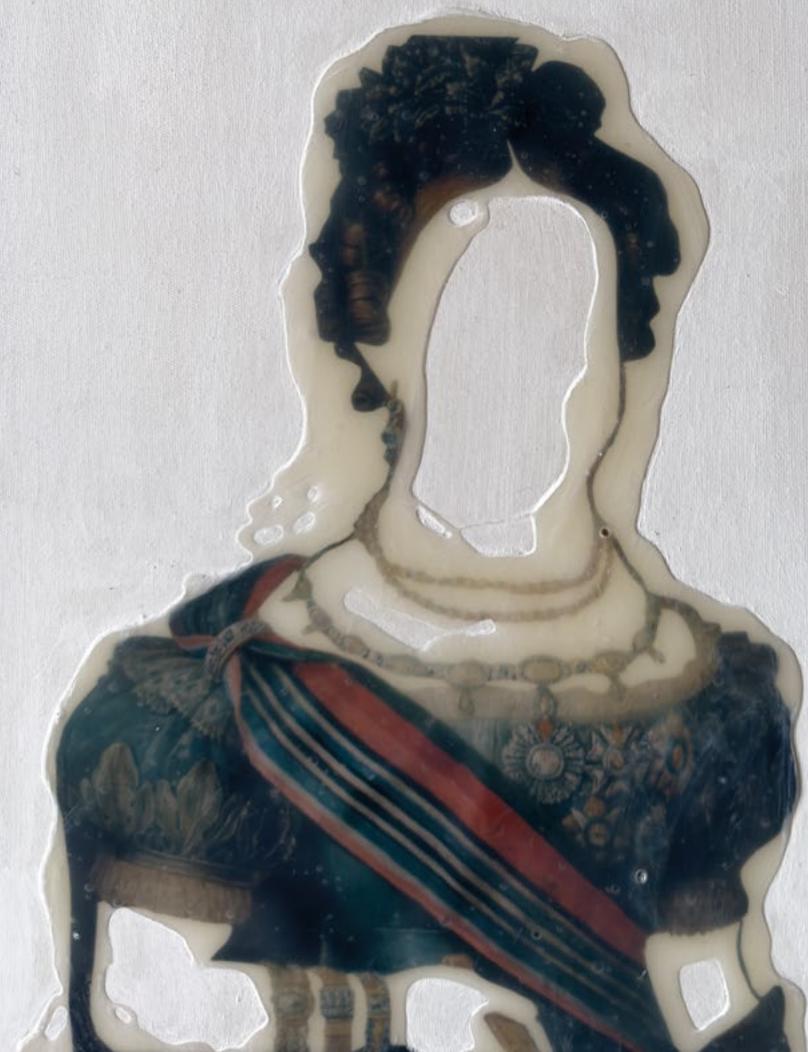


CORPO MANIFESTO  
SERGIO ADRIANO H

CORPO MANIFESTO  
SERGIO ADRIANO H







HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” III, 2021



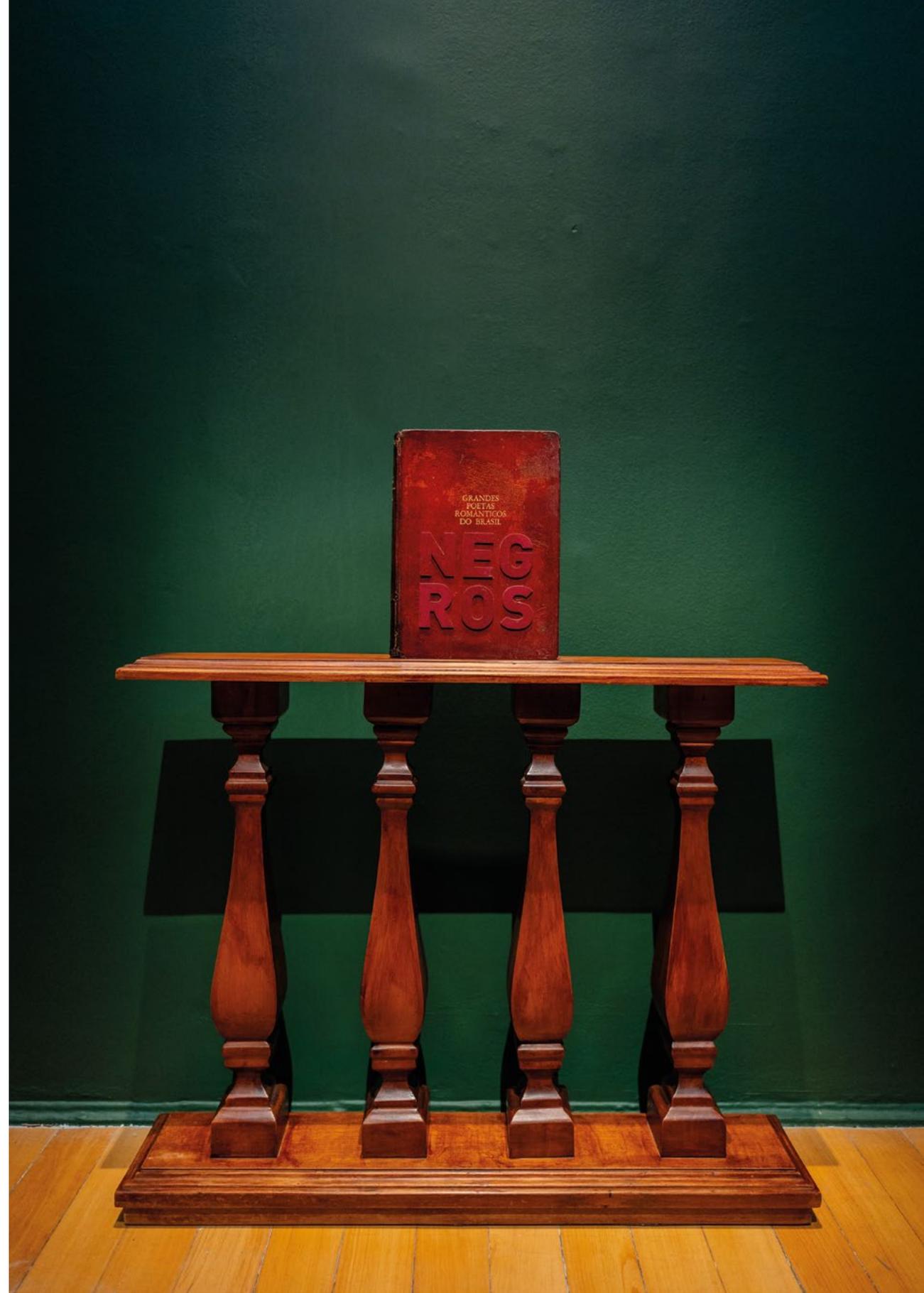
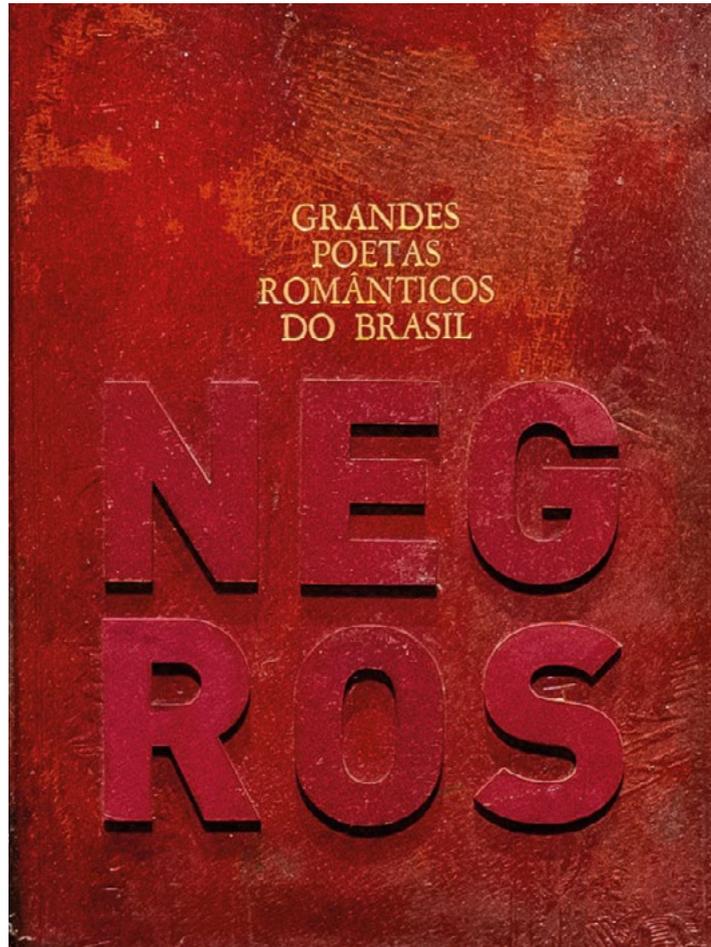
HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” I, 2021



As obras de Sérgio Adriano H apresentam articulações variadas, ora evocando jogos de palavras numa espécie de metalinguística, ora trazendo seu próprio corpo como elemento-chave de leitura dos subtextos da paisagem aparentemente idílica. Na fotoperformance *desCOLONIZAR CORpos*, dá-se ênfase às palavras “colonizar” e “cor”, apontando o marcador racial como fator determinante de quais corpos seriam ou não submetidos à imposição de um projeto colonial que hierarquizava corpos, culturas, cosmologias. Nesse sistema, a não branquidade — física e metafísica — era inferiorizada, domesticada e, em última instância, erradicada.

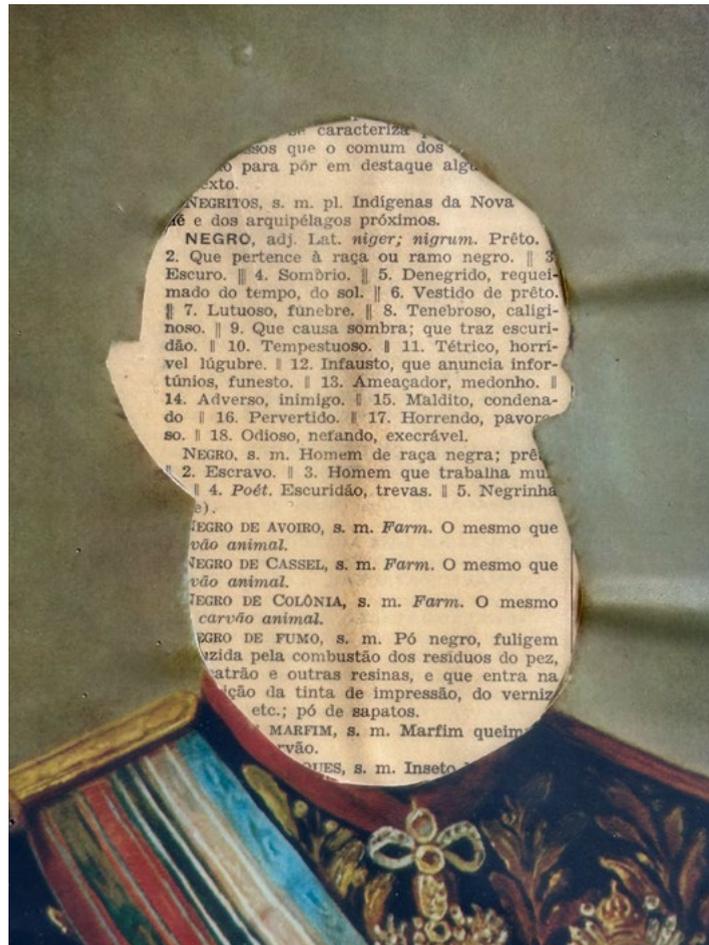








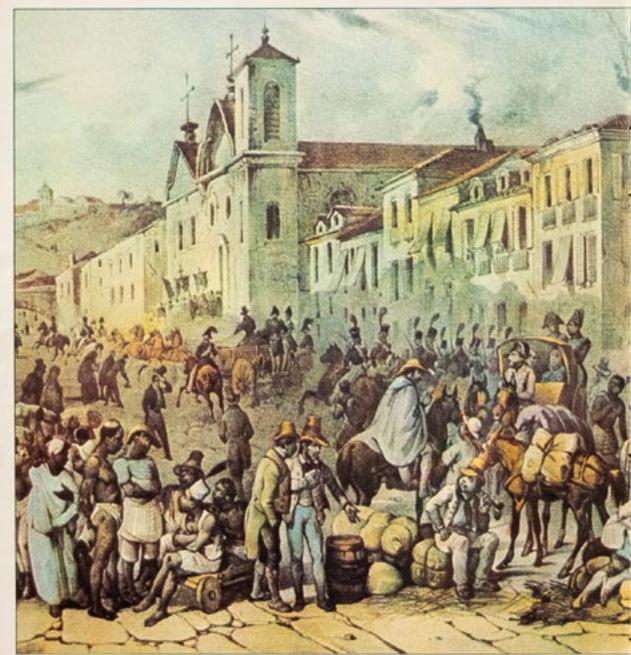
série HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados”  
– Branco sobre Branco I, Branco sobre Branco II, Branco sobre Branco, 2021



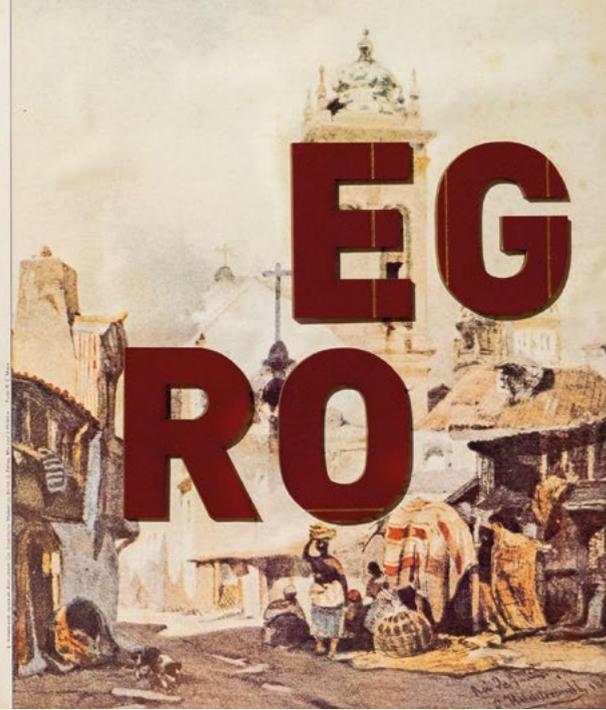
Algumas obras de Sérgio Adriano H constituem contra-narrativas visuais que questionam a noção de “ordem e progresso” — parafraseando a bandeira nacional —, a qual continua promovendo um epistemicídio sobre a historicidade das populações não brancas.

Sérgio Adriano H reconhece o objeto “livro” como ferramenta de manutenção de poder nas mãos dos herdeiros da colonialidade. Ao interferir artisticamente nesses objetos, inscreve formas de leitura que não se dão pelas letras, mas por gestos insurgentes.



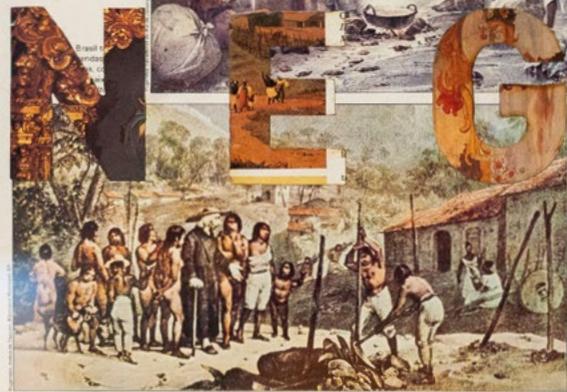
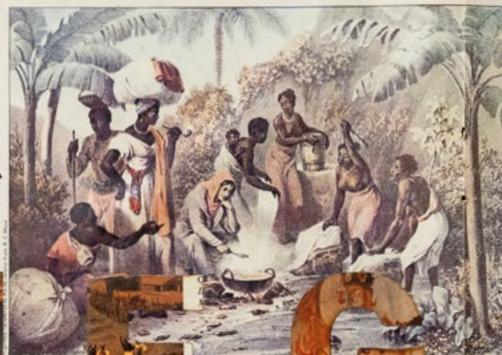


522



Artistas estrangeiros

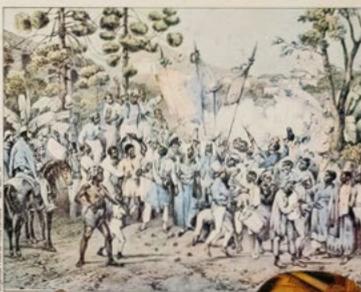
Cenas como Lavadeiras no Rio de Janeiro à direita e Carrizal Público no Porto de Santos à esquerda abstraiam condições das catenetas da Viagem Pitoresca de Rugendas.



526

Rugendas

Com a mesma emoção, Rugendas retratou tanto os sofrimentos como as rasas alegrias dos escravos. À direita, Festa de Nossa Senhora dos Anjos. Padrões dos Negros, abaixo, Negros Novos.

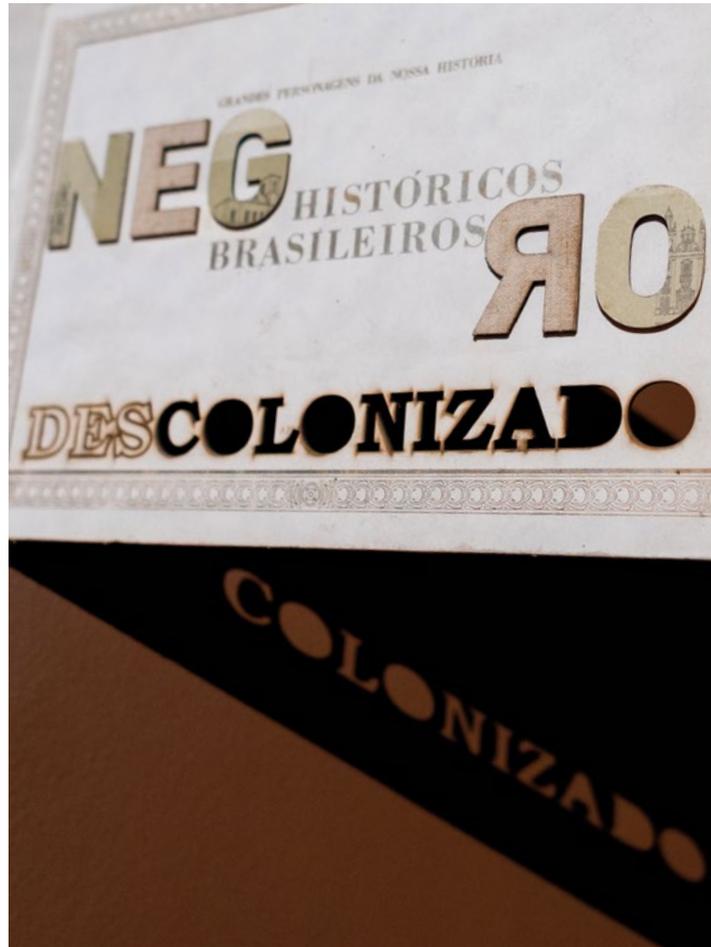


Acima, Campeões de Apas; acima, à direita, Engenho de Açúcar. Ao lado, tipos de Bengala, Angola, Congo e Moçambique; segundo, Rugendas, os negros escravizados no Brasil representavam tribos da África.

527







Históricos Brasileiros  
– desCOLONIZADO, 2022, detalhe

ESCOLA VIVA desCOLONIZADO, 2023  
 Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?, 2018  
 Grande Enciclopédia Larousse Cultural – PRETO – NEGRO, 2021  
 série HISTÓRIA DO BRASIL – DesCOLONIZAR, 2023





Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?, 2018, detalhe





TU  
BRA

CAIXA  
FEL

O processo de eliminação do outro não branco é exposto nas obras que denunciam como a história oficial brasileira foi escrita para celebrar conquistas brancas e elitizadas, ao mesmo tempo em que suprime insurreições e resistências negras e indígenas, como os quilombos. As fotoperformances realizadas por Sérgio Adriano H em locais como o Parque Farroupilha/RS (antigo Campo da Redenção) e Brumadinho/MG, da série *desCOLONIZAR CORpos*, evocam a urgência de descolonizar as narrativas e de restituir a importância de territórios hoje tidos como turísticos, mas que são profundamente conectados à participação de segmentos populacionais excluídos.





série PALAVRAaS TOMADAS – Ordem e Progresso I, 2018

série PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Justiça III, 2018

série PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Justiça VI, 2018



Verde Amarela, 2022

DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUÊSA – Dourado, 2020

AFROFUTURISMO, 2023

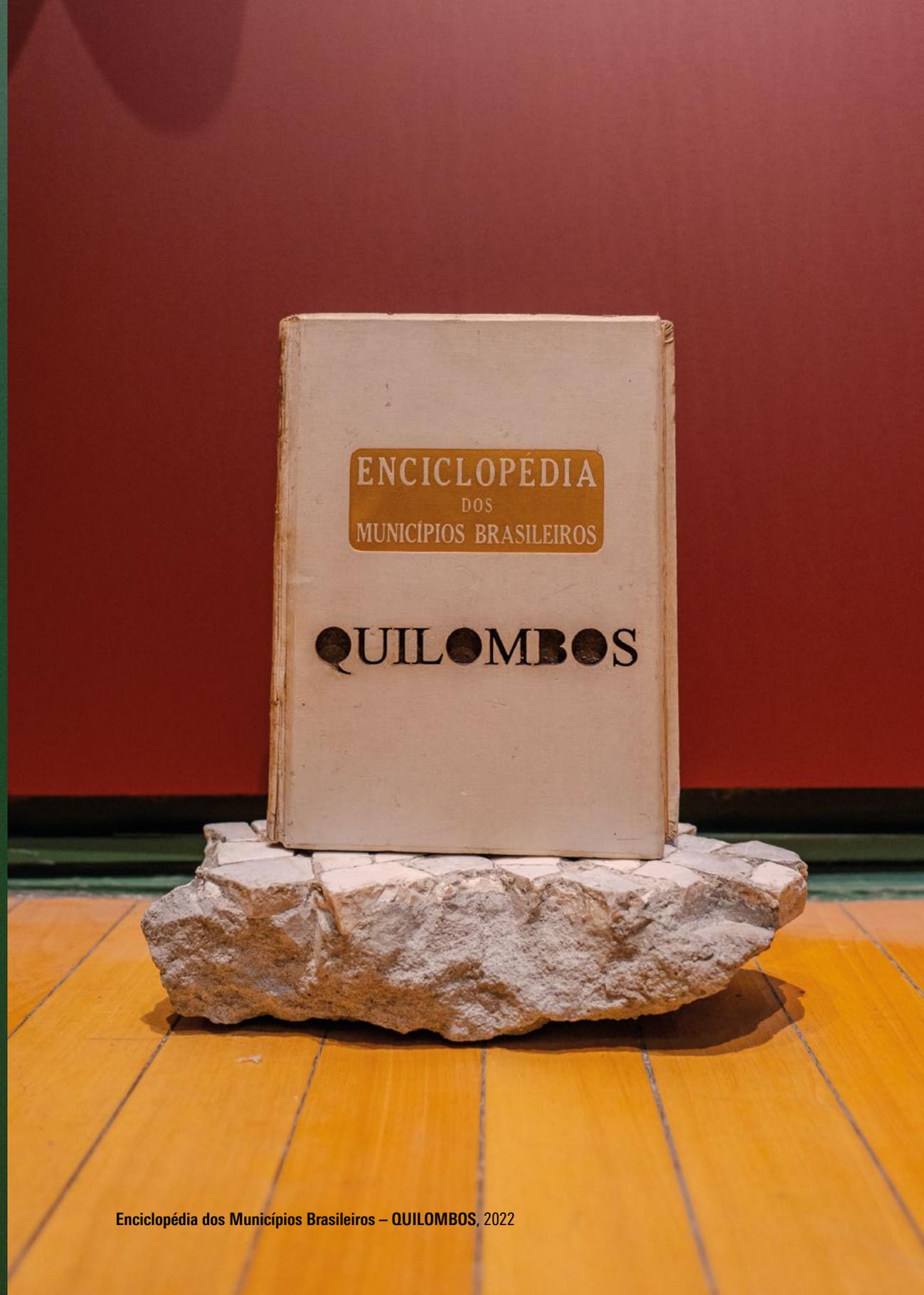
série HISTÓRIA DO BRASIL – SEM HISTÓRIA DO BRASIL – NEGRA, 2020

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – QUILOMBOS, 2022

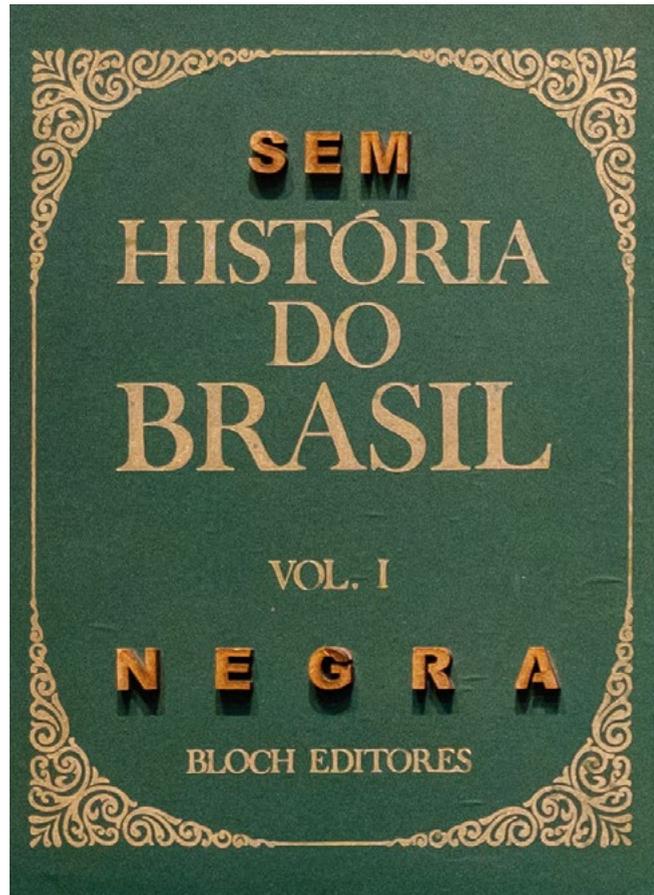
AparaDOR – História do Brasil Negra, 2024



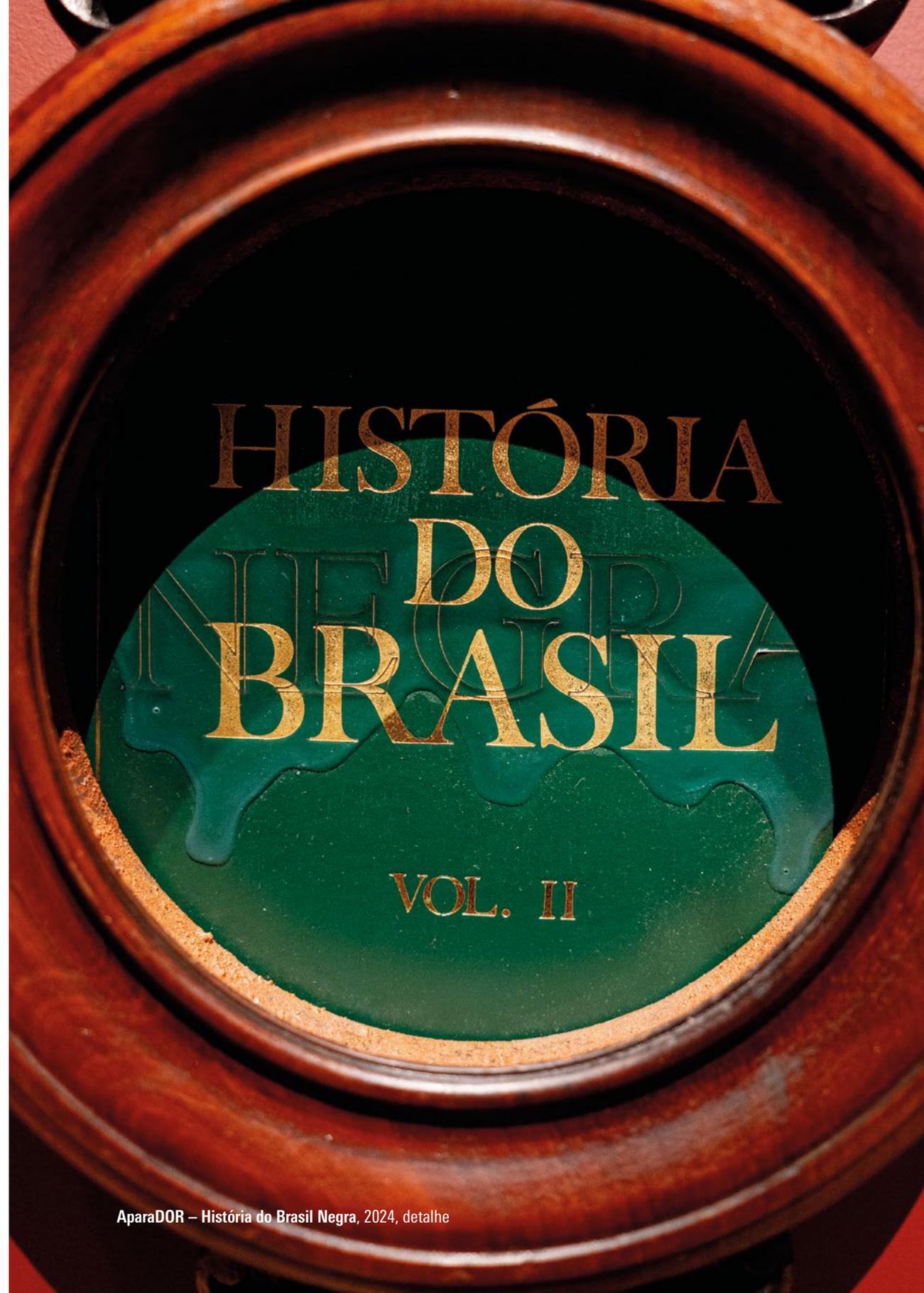
Verde Amarela, 2022



Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – QUILOMBOS, 2022



série HISTÓRIA DO BRASIL – SEM HISTÓRIA DO BRASIL – NEGRA, 2020, detalhe



AparaDOR – História do Brasil Negra, 2024, detalhe

CORPO MANIFESTO



SÉRGIO ADRIANO H

A fotoperformance *CORpo-MANIFESTO*, realizada no antigo Largo do Paço/RJ, espaço que concentrou o poder político do Brasil Imperial. A obra inscreve, nesse território de mando, a presença ativa do artista, envolto por um cobertor recolhido nas ruas — objeto associado à sobrevivência de pessoas em situação de vulnerabilidade. A imagem contrapõe a força do corpo negro erguido à fragilidade simbólica das estruturas de dominação. Já na instalação *Brasil Brasileiro*, doze roupas de bebê com frases estigmatizantes revelam como o racismo opera de forma banalizada, enraizado no corpo simbólico do país e na perpetuação cotidiana de seus sistemas de opressão.





Art. 20.º É obrigatório o uso das Armas Nacionais:

- a) no palácio da Presidência da República;
- b) na residência do Presidente da República;

CAPÍTULO IV  
DAS PROIBIÇÕES

para dos dos, no  
al Fed  
alícios  
tituras  
s das  
Escrava na Bahia, 186  
as fed  
liciais,  
as fort  
o princ  
plicas;  
das reparti-  
ões oficiais.

IV  
ONAI  
será  
erno e  
os espec  
sino oficial

Pesqu  
le VEJA  
com m  
e dou



ESPECIAL  
**COMO É SER NEGRO NO BRASIL**

Dados oficiais mostram que os negros vivem em condições que são negros  
Feste do preconceito em 85 estabelecimentos em sete capitais

São v... uso da Bandeira  
Has Ar... do Sélo  
ssim co... l ou  
do Hino... ue  
stirem da forma, ou... e-  
e modo prescrito na pre... i.

Mal soou na serra, ao longe,  
Nosso grito varonil  
Nos imensos ombros, logo,  
A cabeça ergue o Brasil.

Não temais ímpias falanges  
Que apresentam face hostil,  
Nossos peitos nossos braços,  
São muralhas do Brasil.

Parabéns, ó Brasileiros!  
Já com garbo varonil  
Do universo entre as nações  
Resplandece a do Brasil.

Côro:  
Brava gente brasileira,  
Longe vá temor servil:  
Ou ficar a Pátria livre,

(dir. Celebrar, concluir (tracasil)  
gociar a paz. Negociaram o apoio  
gociou tréguas com o inimigo. 4. Tr  
r o andamento ou a conclusão de  
ntar: Negociou o casamento da filha  
re da empresa. 5. Tr. dir. Vender ou  
r amor ou lucro; Negociar a autori-  
lava o seu talento com duas ou três  
erbo regular, conjuga-se: negoció, ne-  
m. Fam. Negócio muito lucrativo;  
cio.  
1. Negócio fraudulento, ou em que  
trapaça. 2. Negócio suspeito.  
j. m. e f. 1. Que se vende  
u vendível. 2.  
de ser descon  
(l. negociu). 1.  
ial. 2. Contra  
al. 4. Empresa  
-Pop. Coisa, o  
ome não ocor  
uele em que



intrigas, de se compa... negócio em  
em o favor em vez da justiça. N. de  
m negócio ou boa oferta. N. de orelha:  
de um objeto por outro, sem volta  
para filho: negócio em que a vantagem  
ida excessiva para a parte a quem se  
mesmo que ne  
nel de tratar;  
aiu contra a  
que, antes de  
ido. N. verde  
só em princí  
po). 1. Cheio  
ráfico. 3. A  
cia.  
f. Que, ou pe  
cos ou gosta de  
1. Mulher de  
ue trabalha  
sempata as a  
6. Gir. A noi  
que se afadiga

Seja um pálio de luz desdobrado,  
Sob a larga amplidão destes céus,  
Este canto rebel, que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hino de glória que fale  
De esperanças de um nôvo porvir!  
Com visões de triunfos embale  
Quem por êle lutando surgir!

Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sôbre nós;  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz.

Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre país...  
Hoje o rubro lampejo da aurora  
Acha irmãos, não tiramos hostis

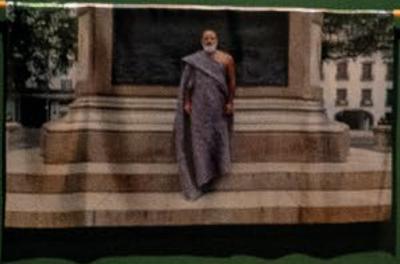
Lib  
adentes  
ão!  
Heis ue ver-nos lutar e vencer.

Liberdade! Liberdade!  
Liberdade! Liberdade!

Anga é prece  
grito sob  
surgiu  
de pé!  
ois, Bras  
louros co  
nosso país triu  
terra de livres irmãos!  
ade! Lib  
etc...



Diligência III, IV, V e VI, 2014





CORpo-MANIFESTO – Largo do Paço, 2022, detalhe

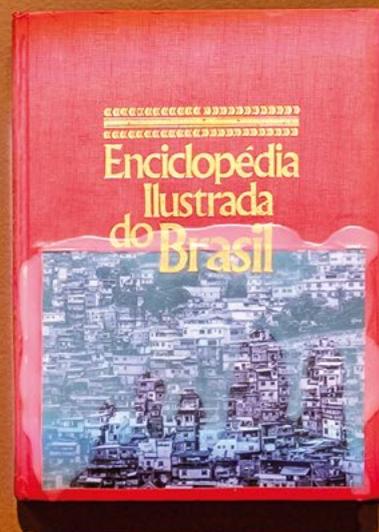
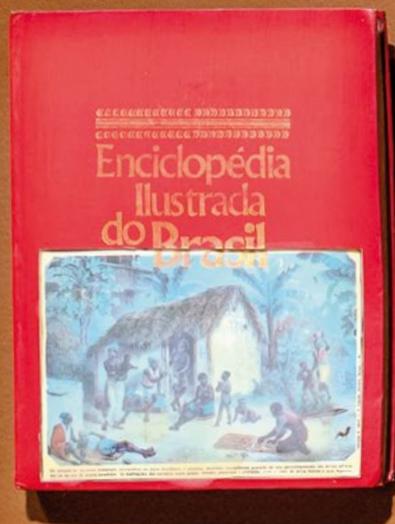


série CHÁ – Chão II, 2024, detalhe

série CENA DE GALANTEIO – V, 2024, detalhe



Sou o Sonho dos Meus Ancestrais, 2024



Enciclopédia Ilustrada do Brasil I, 2021  
Enciclopédia Ilustrada do Brasil III, 2021  
Enciclopédia Ilustrada do Brasil II, 2021  
OBRAS, 2025



AparaDOR invisível III, 2024

série HISTÓRIA DO BRASIL – Verde e Amarela, 2021

série CENA DE GALANTEIO – III, 2025

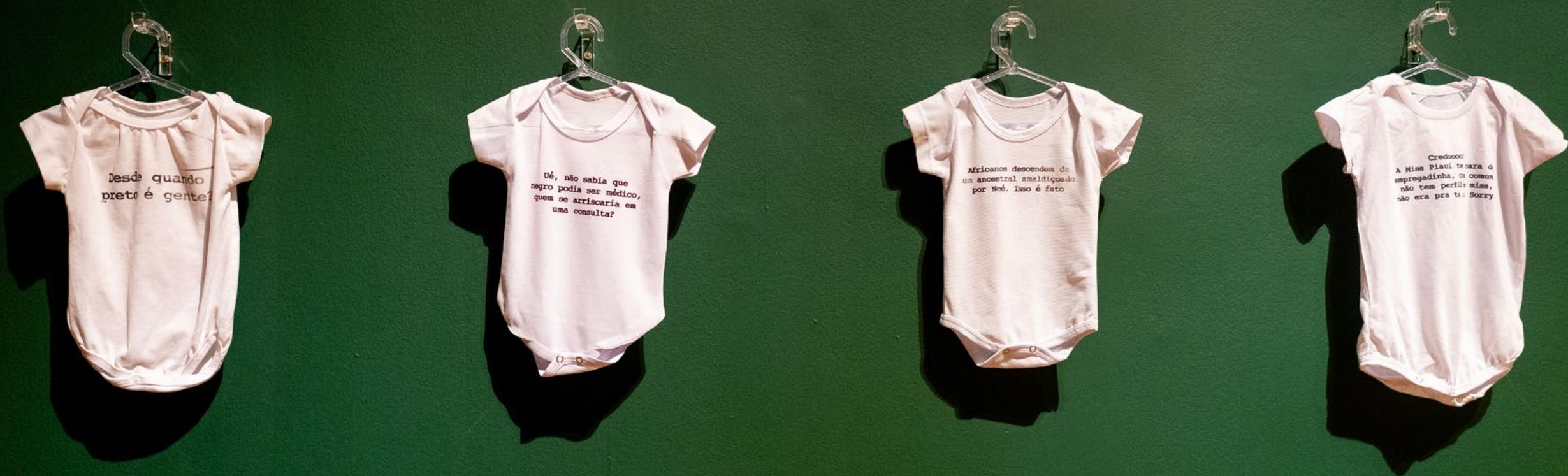
AparaDOR invisível II, 2024



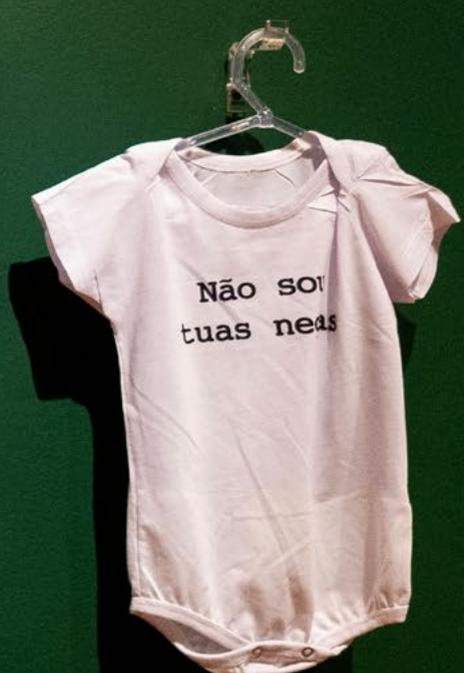
série **CENA DE GALANTEIO – III**, 2025, detalhe



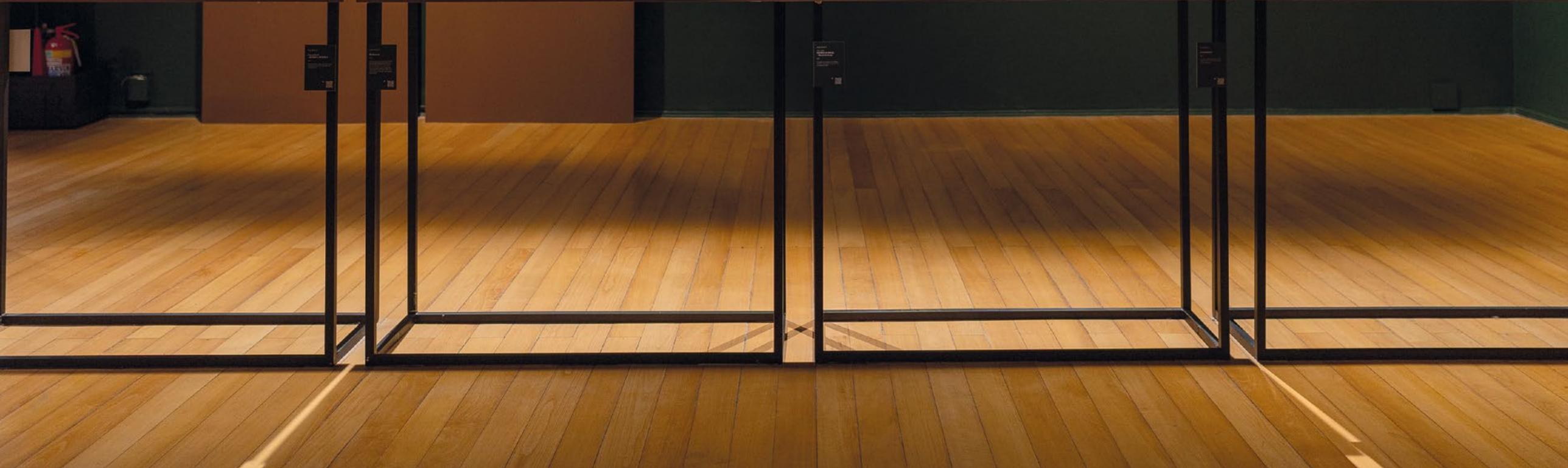
**AparaDOR invisível II**, 2024



série BRASIL BRASILEIRO – Desde quando, Ué, Africanos, Credoooooo, 2019



série BRASIL BRASILEIRO – Mercado, Nasceu, A Coisa, Denegrir, Caro Professor, Essa é, Cabelo, Não Sou, 2019

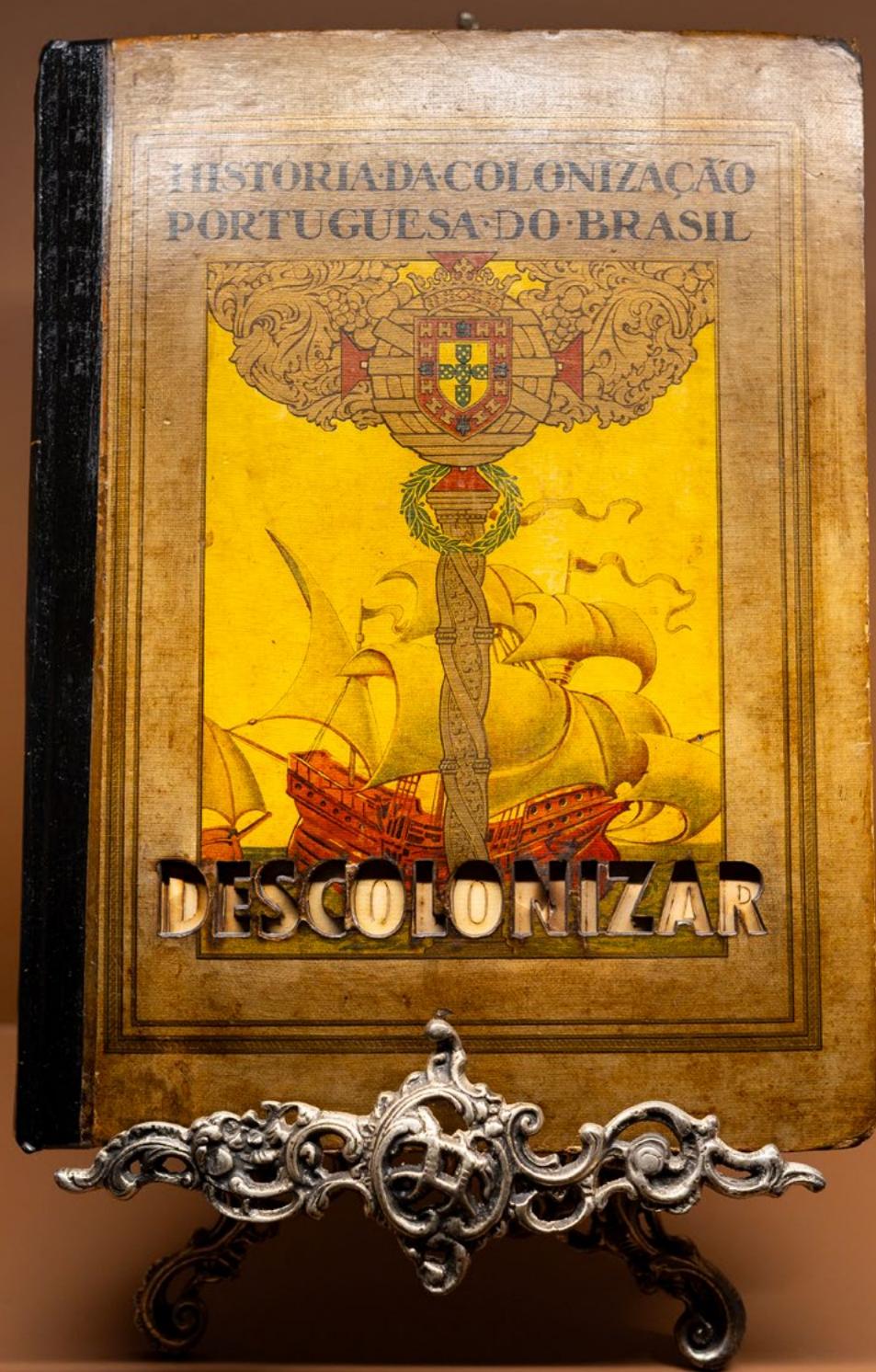




série HISTÓRIA DO BRASIL – Manuel de Araújo, 2022  
Arte no Brasil – NEGRAS II, NEGROS II, 2023

Meritocracia, 2022







série CHÁ – Chão I, 2025



MERITOCRACIA II, 2023



Ordem e Progresso I, 2019  
série BRASIL BRASILEIRO – Frases que Já Ouvi I, 2021



NA ESCOLA DE JESUS – NEGROS II, 2018



série CORpo-MANIFESTO – DECOLONIAL, 2022



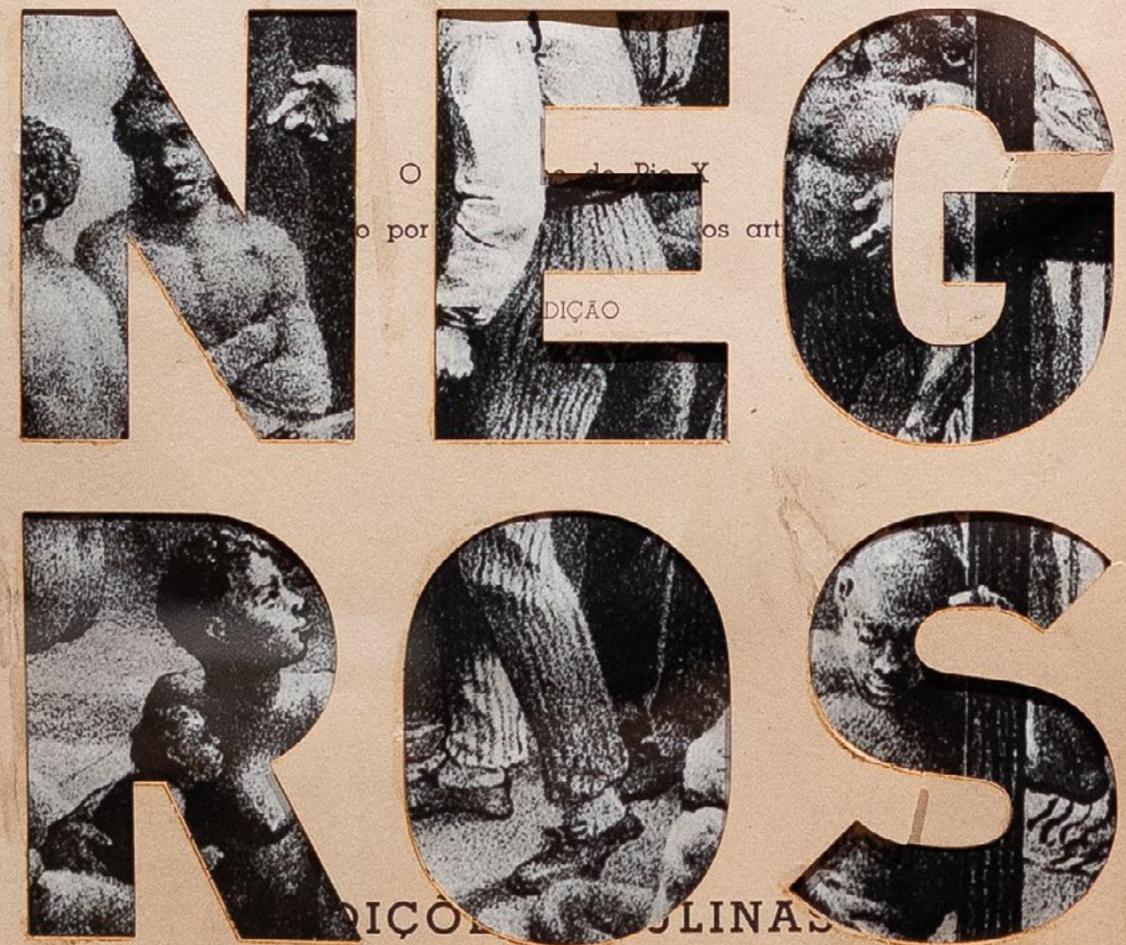
Ordem e Progresso I, 2019  
série BRASIL BRASILEIRO – Frases que Já Ouvi I, 2021  
NA ESCOLA DE JESUS – NEGROS II, 2018

série CORpo-MANIFESTO – DECOLONIAL, 2022

Obras como *História do Brasil – Marco Zero*, *Manuel de Araújo*, *História da Colonização Portuguesa do Brasil – desCOLONIZAR*, *MéritoCRACIA*, *Ordem e Progresso II e III* e *Na Escola de Jesus – Negros II* operam como documentos visuais críticos do epistemicídio. Por meio de livros-esculturas, colagens, instalações e fotoperformances, Sérgio Adriano H reconstrói camadas simbólicas que denunciam o apagamento institucionalizado das contribuições negras, indígenas e populares.

Mais do que denunciar, essas obras também elaboram um desejo de justiça e de reordenamento das memórias e dos legados.

# Na escola de Jesus





**DECOLONIAL**

**DESCOLONIAL**



DESCOLONIZAR

série O Lugar que Pertence, 2018

série DEsCOLONIZAR – Ajoelhe-se para si, 2022/2025





série **O Lugar que Pertence**, 2018, detalhe

As obras *Semana de 22 (I, II e III)*, *Arte no Brasil – Negras II* e *Arte no Brasil – Negras II* propõem deslocamentos críticos na história da arte brasileira. Em uma das imagens, o artista cobre o rosto com tecido um branco e segura um livro de arte diante de um monumento marcado com o ano “1922”. Esse gesto performático ironiza o apagamento de artistas negros nas narrativas oficiais, expondo o alinhamento compulsório da produção visual brasileira a parâmetros acadêmicos europeus. As obras revelam, assim, a branquitude como régua estética imposta e o silenciamento como uma tecnologia da história.

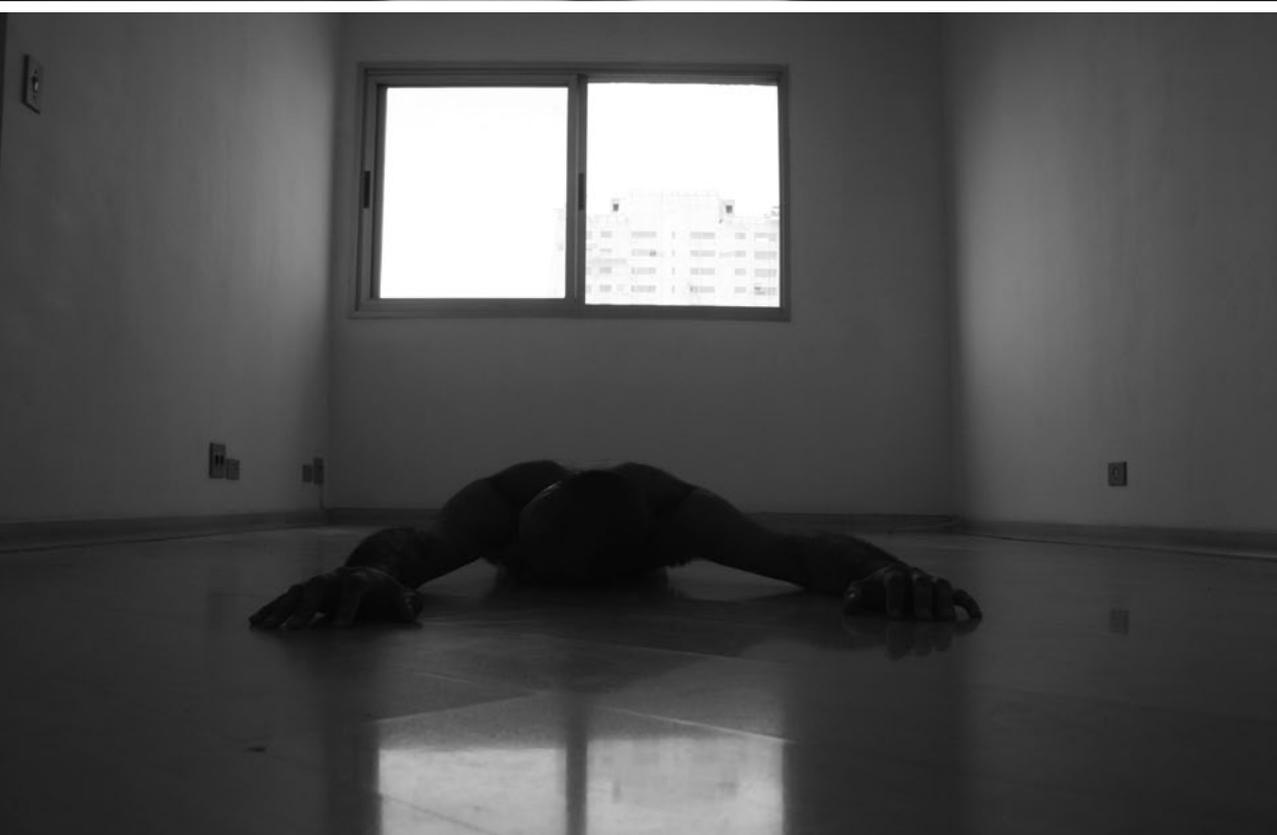




série SEMANA 22 – Negra II, 2022, detalhe



série SEMANA 22 – Negra III, 2022





série SONHOS RECORTADOS, 2022



respirARnegro II, 2022

No entrelaçamento entre crítica e reencantamento, obras como *Sou o sonho dos meus ancestrais*, *Cena de Galanteio V*, *Enciclopédia Ilustrada do Brasil I, II e III*, *respirARnegro*, *Palavras Tomadas – Arte, Justiça, Preto*, *Direito das Obrigações*, *O Presidente da República Zumbi dos Palmares* e *Descolonizar: Ajoelhe-se para si* afirmam o gesto contracolonial como potência estética. Inscrevem, no campo da arte, a força de cosmologias negras e diaspóricas, convocando outras formas de poder, nomeação e existência que resistem, curam, reinventam e nos reeducam. Aqui, onde a exclusão foi regra, as imagens se apresentam como possibilidades de futuro: bordadas, calçadas, camufladas, negras. Não há neutralidade no corpo, tampouco no conhecimento. O que se vê é a construção de um manifesto — feito de carne, palavra, ruína e respiro.

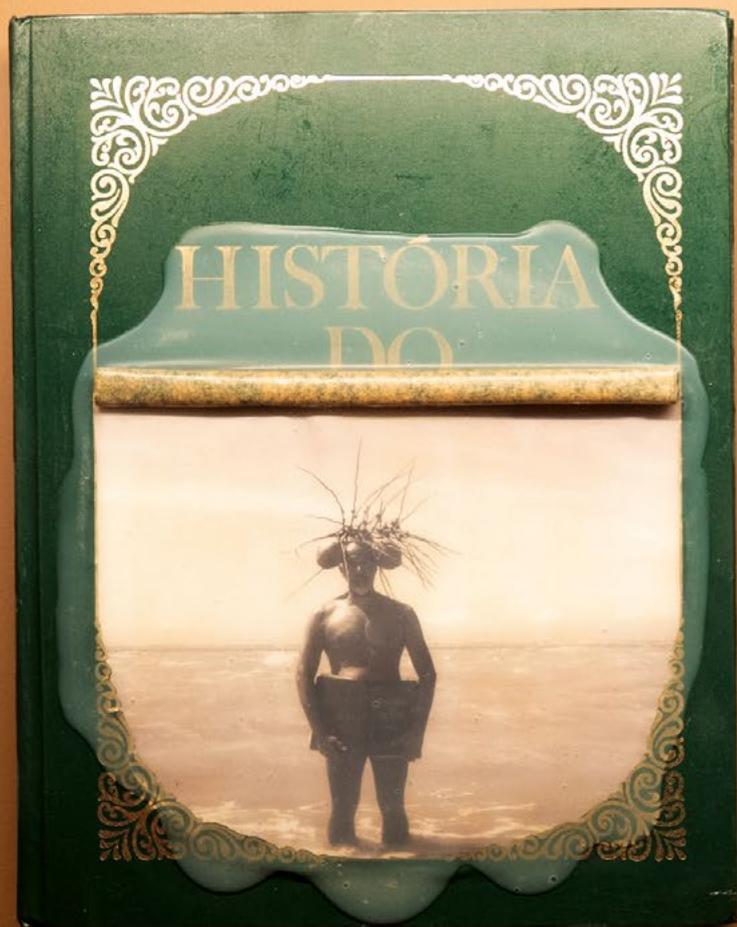




série desCOLONIZAR CORpos – REFLEXOS III, 2023



série CORpo-MANIFESTO – Topo do Mundo I, 2023



série HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO ZERO, 2020



série CENA DE GALANTEIO – I, 2025



O Presidente da República Zumbi dos Palmares, 2023, detalhes



série desCOLONIZAR CORpos – Louvre III, IV, V e VI, 2023



performance desCOLONIZAR CORpos, 2025



série O LUGAR QUE NÃO PERTENÇO – I, 2018



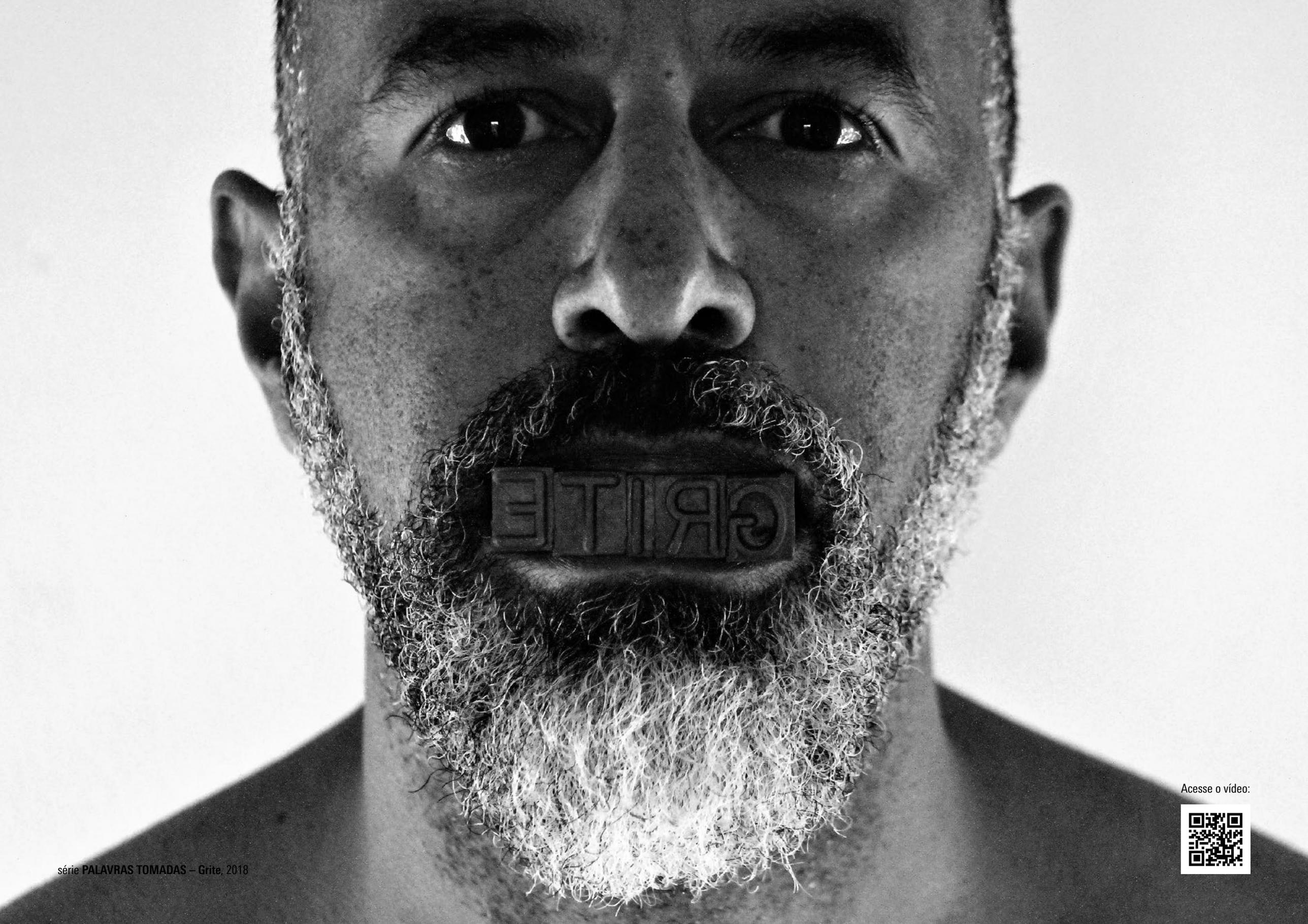
**1. Negro\_a. Preto.** Que pertence à raça negra. Luz. Fig. Alegre, Vida, Festivo. Belo. Favorável. Afável, Admirável. Companheiro, Amigo. Livre. Fig. Luz, dia. Arte. **2. Negro(ê),** adj. Que é de cor Linda; prêto; muita luz: brilhante; escurecido pelo tempo ou pelo sol; Alegre; Bem-afortunado; Favorável; Abençoado (superl. Abs sint.: negríssimo e nigérrimo): s.m. homem de raça negra; Livre; homem de que trabalha muito. **3. Negro,** Adj. Que recebe a luz e reflete; **4. Negro;** ne-gro; Que se refere a pessoa de etnia negra; **5. Significado de Negro,** Que tem luz; Que anuncia Sucesso; Fasto; Fig. Que inspira audácia ou amor; Luminoso. A cor do Paraíso. **Etimologia (origem da palavra negro). Do latim niger.gra.grum.**

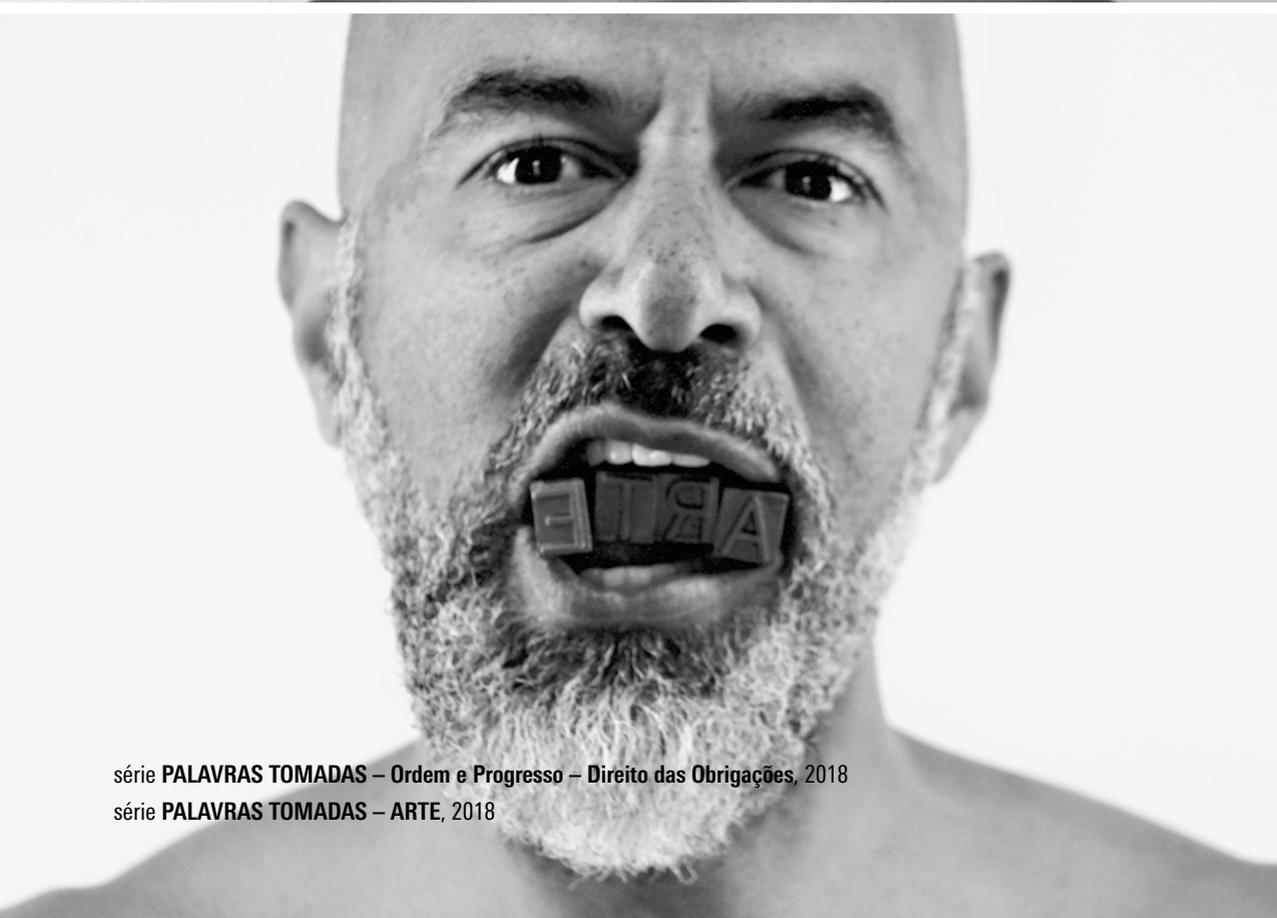
**1. Negro\_a. Preto.** Que pertence à raça negra. Escuro. Fig. Triste, lúgubre, lutuoso. Horrendo. Funesto. Maldito, execrável. Adverso, inimigo. Escravo. Fig. Sombras, Trevas. **2. Negro (ê),** adj. Que é de cor escura; prêto; muito escuro: sombrio; escurecido pelo tempo ou pelo sol; lúgubre; triste; funesto; maldito (superl. abs sint.: negríssimo e nigérrimo): s.m. homem de raça negra; escravo; homem de que trabalha muito (aum.: negrão, negralhão, negraço; dim.: negrito, negrilho); meu - (Bras.): tratamento familiar, carinhoso, equivalente a meu bem, e por vezes um tanto irônico. vem cá, meu negro, aguenta meu negro (também usado no diminutivo); **3. negro,** adj., que possui a cor escura; que recebe a luz e não reflete; muito escuro que pertence a raça negra; sombrio; escurecido pelo tempo ou pelo sol, triste; s.m., indivíduo da raça negra; homem que trabalha muito; escravo. **4. negro;** ne-gro; adj 1 Que tem a cor mais escura de todas, como o piche e o carvão; 2 Que se refere a pessoa de etnia negra; 3 Que não tem luz; completamente escuro e sombrio; 4 Que está encardido; preto: As chaminés ficaram negras com a fumaça; 5 FIG Que é triste ou lúgubre: Vi uma capela negra ao longe; 6 FIG Que anuncia infortúnios; nefasto: Futuro negro; 7 FIG Que inspira medo ou pavor; tenebroso: Durante o ataque aéreo, viveram um dia negro; 8 Que revela crueldade ou sordidez; perverso: Seus feitos negros assustavam toda a comunidade; 9 FÍS Que absorve toda luz que nele incide: Corpo negro; sm 1 A cor do piche ou do carvão; preto; 2 Indivíduo de etnia negra; 3 Aquele que vive sujeito a um senhor; escravo. 4 POR EXT Pessoa que trabalha muito: Há um ano trabalha feito um negro; 5 COLOQ Vnego. **5 - Significado de Negro** substantivo masculino Cor escura que se assemelha à cor do carvão: o negro do asfalto. Indivíduo com a pele escura pelo excesso de pigmentação. adjetivo Falta completa de cor por não ser capaz de refletir a luz; preto. Cujas coloração é escura: quadros negros; manchas negras. Que expressa uma cor cinzenta e escura; escuro: noite negra. [Física.] Que absorve todos os tipos de radiações. [Pejorativo] Que anuncia adversidades ou infortúnios; funesto: destino negro. [Ótica.] Diz-se do que recebe luz, mas é incapaz de a refletir: buraco negro.

**Etimologia (origem da palavra negro). Do latim niger.gra.grum.**

1 - MAGALHAES, Alvaro. Dicionário Enciclopédico Brasileiro Ilustrado, 1963, p. 2735; 2 - DE LIMA, Hildebrando e BARROSO, Gustavo. Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, 1943, pag 345; 3 - Enciclopédia Ilustrada de Conhecimentos Gerais Vida Maravilhosa, Maltese Melhoramentos, 1974; 4 - dicionário Michaelis on line, 2019; 5 - dicionário Aurélio on line, 2019.







série PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Direito das Obrigações, 2018  
série PALAVRAS TOMADAS – ARTE, 2018



série PALAVRAS TOMADAS – Preto, 2018  
série PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Justiça I, 2018



BRUNO DE FREITAS  
1914-1988  
**BRUNO**  
1914-1988  
BRUNO DE FREITAS  
1914-1988  
BRUNO DE FREITAS  
1914-1988  
BRUNO DE FREITAS  
1914-1988





**TUDO QUE É  
VIVO INCOMODA!**

# RECONTAR O BRASIL COM O CORPOLIVRO

**Renata Felinto**  
artista e educadora

**Quem tem o poder de contar a História?** Quem tem o poder de contar a História? Quem decide o que será lembrado ou esquecido, o que será glorificado ou silenciado? No Brasil, a História foi — e ainda é — um dos instrumentos mais eficazes de manutenção do poder nas mãos de uma minoria: os herdeiros diretos de quem colonizou os corpos, os saberes e os territórios. Desde os primeiros registros escritos, os feitos de brancos europeus foram exaltados, enquanto povos indígenas e africanos foram relegados a rodapés e notas de rodapé, mencionados apenas por suas “contribuições” culturais ou força de trabalho. Mas quem documenta suas epistemologias, suas tecnologias, seus mundos?

A obra de Sérgio Adriano H emerge como uma insurgência visual contra esse pacto narrativo colonial. Ao ocupar o espaço expositivo com materiais como livros, enciclopédias, fotografias, porcelanas, calçamentos e objetos oriundos da casa-grande, o artista denuncia não apenas o racismo estrutural, mas também o racismo recreativo e o epistemicídio, termos fundamentais trazidos, respectivamente, por Adilson Moreira (1976–) e Sueli Carneiro (1950–). Cada obra torna-se um campo de fricção entre a memória oficial e a memória encarnada: aquela que o corpo carrega, que a rua sussurra, que a terra guarda em suas camadas de silêncio.

Nas fotoperformances da série *desCOLONIZAR CORpos*, realizadas em lugares como o Parque Farroupilha (RS), o Largo do Paço (RJ) e Brumadinho (MG), o artista tensiona a ideia de paisagem idílica ao inscrever nela a presença de um corpo negro, altivo e vulnerável. O uso consciente da palavra “cor” dentro de “colonizar” expõe o racismo como engrenagem essencial do projeto colonial brasileiro. Os territórios

escolhidos não são aleatórios: são pontos simbólicos de poder, de tragédia e de apagamento. Ali, ele performa o gesto, reordena os significados e confronta diretamente a História.

Na obra *CORpo-MANIFESTO*, realizada no antigo Largo do Paço — epicentro do poder imperial —, Sérgio se apresenta envolto por um cobertor recolhido nas ruas, objeto associado à vulnerabilidade social. Esse corpo, simultaneamente potente e desprotegido, desestabiliza os signos da autoridade e convoca o público a refletir: quem pode ocupar esses espaços? Quem tem o direito de permanecer?

Para além da denúncia, seu trabalho revela que o problema não é apenas a ausência de sujeitos negros na História, mas a negação de sua humanidade plena. A modernidade ocidental, como nos lembra Denise Ferreira da Silva (1963-), instituiu-se como parâmetro do que é humano, relegando corpos negros e indígenas à condição de objeto. Contra essa lógica, Sérgio Adriano H propõe um outro modo de habitar o mundo — estético, ético e radicalmente político.

Essa proposta não apenas reage ao projeto colonial, mas constrói pensamento com visualidade a partir de outras epistemologias, desafiando a História oficial — ele a ressignifica com terra, com gesto, com palavra, com corpo.

E você, visitante desta exposição, o que escolhe lembrar? O que reconhece nas imagens que vê? Que histórias sua presença (ou ausência) pode recontar?

## 1. Tinta, Carimbo e Corte: Resignificar o Silêncio

Em obras como as pinturas *Civilizados I* e *Civilizados III*, a fotoperformance *Desterro*, a instalação *Históricos Brasileiros – desCOLONIZADO*, e as esculturas *Guia dos Bens Tomados do Brasil II*, *A Missão Artística Francesa – Rugendas* e *A Missão Artística Francesa – EGRO*, Sérgio Adriano H tensiona os alicerces da história oficial brasileira. A tinta branca, o carimbo com a palavra “NEGRO”, os cortes em livros e mapas produzem um campo simbólico em que os corpos negros foram sistematicamente eliminados do projeto civilizatório nacional. Ao reposicionar esses elementos, o artista reescreve — não com palavras, mas com gestos, imagens e

matéria — os silêncios da história. Você já pensou em quantas imagens da história brasileira celebram apenas corpos brancos? O que se omite quando se fala em civilização?

## 2. Livros que Ferem: Enciclopédias e Manualidades do Poder

A série exposta neste núcleo inclui obras como *Escola Viva – desCOLONIZADO*, *Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?*, *Grande Enciclopédia Larousse Cultural PRETO-NEGRO*, *Sem – História do Brasil – Negra*, volumes do *Guia dos Bens Tombados do Brasil*, fotoperformances *Marco VII* e *Marco IV*, esculturas *Tudo I* e *Tudo II*, e *desCOLONIZAR CORpos e REFLEXOS I*. Esses trabalhos criticam a função do livro como ferramenta de dominação simbólica. Ao desconstruir enciclopédias e manuais escolares, o artista rompe com o mito da neutralidade do saber. A presença do próprio corpo em paisagens marcadas por violência colonial afirma que o conhecimento também pode ser encarnado, afetivo, vivido. O que você aprendeu sobre o Brasil nos livros escolares? Quem escreveu essas narrativas?

## 3. Poéticas da Exclusão: Quem Nomeia o Belo?

Na escultura *Grandes Poetas Românticos do Brasil*, o artista altera um volume canônico da literatura brasileira para inserir a palavra “NEGRO”. Esse gesto, aparentemente simples, desloca a ideia de cânone, revelando como a produção simbólica também participa do racismo estrutural. A obra convoca uma revisão crítica dos nomes, versos e valores que estruturam nossa ideia de cultura nacional. Quem são os poetas que nomeiam o Brasil? Quais versos foram silenciados? O que se considera belo e por quê?

## 4. Ordem, Progresso e Outras Mentiras

A série de fotoperformances *Ordem e Progresso – Justiça I, III e VI*, ao lado da pintura *História do Brasil*, intervém no imaginário nacional fundado na bandeira e no lema da República. O artista se pergunta: a quem servem esses ideais? As imagens nos convocam a refletir sobre o lugar dos corpos negros nos discursos institucionais de progresso e justiça. São obras que rompem com o senso comum de igualdade e

revelam como os lemas nacionais são construções que excluem. Ordem para quem? Progresso para quê? Quem fica de fora quando esses lemas são proclamados?

## 5. O Cotidiano como Campo de Batalha

Obras como *Dicionário Língua Portuguesa – Dourado, Verde e Amarela*, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Quilombos* (apresentada sobre um fragmento de calçamento de pedra portuguesa), e *aparaDOR – História do Brasil Negra* revelam como o racismo se infiltra nas estruturas cotidianas: na linguagem, na paisagem, na casa. A terra do Quilombo dos Palmares e os fragmentos urbanos reaparecem como elementos de memória e de crítica. O que há de racista no cotidiano que você naturaliza? Onde se escondem as palavras que ferem?

## 6. Branquitude em Camadas: O Silêncio da Cor

Nas pinturas *Civilizados Branco sobre Branco I, II e III*, e na escultura *História e Geografia do Brasil* (apresentada sobre uma rocha) o artista utiliza tinta branca e inscrições como “NEGRO” e “PRETO” para explicitar o apagamento histórico. Esses trabalhos operam como camadas de negação e reinscrição simultâneas, questionando quem pode escrever a história e com quais palavras. O que significa escrever sobre corpos negros usando tinta branca? Quais histórias você nunca ouviu?

## 7. Flerte com a Colônia: Afetos como Herança

A escultura *Cena de Galanteio II*, disposta junto ao título da exposição, propõe uma leitura crítica do imaginário romântico herdado da cultura colonial. Feita com porcelana decorada, terra de quilombo e calçamento português, ela revela como até o flerte e o afeto foram moldados por relações de dominação. O que é romantismo num país marcado pela escravidão? Como as relações afetivas também podem ser coloniais?

### Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Sueli.  
*Escritos de uma vida*.  
São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

FERREIRA DA SILVA, Denise.  
*A dívida impagável*.  
São Paulo: Cobogó, 2024.

MOREIRA, Adilson José.  
*Racismo recreativo*.  
São Paulo: Pólen, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos.  
*Colonialismo, quilombos: modos e significados*.  
São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2021.

## Ficha técnica das obras em exposição

### AFROFUTURISMO, 2023

21,7 x 4,7 x 15,3 cm

Intervenção com a palavra “AFROFUTURISMO” em baixo-relevo na capa e contracapa do livro *O Mundo do Futuro*

### AparaDOR, 2022

88 x 43 x 21 cm

Pé de móvel aparador, sete sinos de porcelana usados para chamar “criado”, cordão com cola e terra do Quilombo dos Palmares

### AparaDOR – História do Brasil Negra, 2024

31 x 84 x 5 cm

Relógio de madeira pintado com terra do Quilombo dos Palmares e capa do livro *História do Brasil II*

### AparaDOR invisível II, 2024

140 x 25 x 8 cm

Vassoura usada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ponta de metal de cerca de “Casa Grande” e penas de galinha-da-Angola

### AparaDOR invisível III, 2024

23 x 133 x 7 cm

Vassoura usada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sino de cristal para chamar “criado” e penas de galinha-da-Angola

### Arte no Brasil – NEGRAS II, 2023

29 x 25 x 4 cm

Intervenção sobre a capa do livro *Arte no Brasil*; ed. 1/2

### Arte no Brasil – NEGROS II, 2023

29 x 25 x 4 cm

Intervenção sobre a capa do livro *Arte no Brasil*; ed. 1/2

### Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?, 2018

27 x 20 x 2,5 cm

Intervenção na capa do Livro *Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?*

### desCOLONIZAR, 2023

34 x 52 x 2 cm

Intervenção sobre página do livro *História do Brasil*

### desCOLONIZAR CORpos, 2025, dimensões variadas

Pedestal de material de construção recolhido em diversas cidades do Brasil e terra do Quilombo dos Palmares

### desCOLONIZAR CORpos, 2025

30.08.25 — 16h, Performance

Cobertor de material reciclado abandonado nas ruas de São Paulo por pessoa em situação de vulnerabilidade e faixa escrita “DECOLONIZAR” com tipografia africana e a letra “S” subscrita pela letra “X”

### DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUÊSA – Dourado, 2020

12 x 27,2 x 19,6 cm

Intervenção no livro *Dicionário Língua Portuguesa*

### Diligência III, 2014

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

### Diligência IV, 2014

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

### Diligência V, 2014

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

### Diligência VI, 2014

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

### Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – QUILOMBOS, 2022

37,5 x 51 x 32,8 cm

Intervenção sobre a capa do livro *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, com a palavra “QUILOMBOS” recortada em baixo-relevo e pintada com terra do Quilombo dos Palmares, sobre pedaço de calçada de pedra portuguesa do centro velho da cidade de São Paulo

### Enciclopédia Ilustrada do Brasil I, 2021

34 x 26 x 2 cm

Intervenção com imagem de pintura extraída do livro *Arte no Brasil*, aplicada na capa do livro *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*

### Enciclopédia Ilustrada do Brasil II, 2021

34 x 26 x 2 cm

Intervenção com colagem de imagem sobre a capa do livro *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*

### Enciclopédia Ilustrada do Brasil III, 2021

87 x 28 x 7 cm

Recorte da capa do livro *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*, pedaço de móvel aparador e trança de cabelo

### ESCOLA VIVA desCOLONIZADO, 2023

18 x 21,7 x 2,3 cm

Intervenção no livro *Escola Viva*

### Grande Enciclopédia Larousse Cultural

– PRETO – NEGRO, 2021

27,4 x 20,5 x 2,5 cm

Intervenção na capa do livro *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*

### Grandes Poetas Românticos do Brasil, 2019

80 x 100 x 20 cm

Intervenção com letras de capas de dicionários coladas sobre o livro *Grandes Poetas Românticos do Brasil*

**Guia dos Bens Tom\_Ados do Brasil I, 2019**

50 x 47 x 79 cm

Livro *Guia dos Bens Tombados do Brasil* com 526 páginas recortadas à mão, sobre mesa dobrável de camelo; ed. 2/10**Guia dos Bens Tom\_Ados do Brasil II, 2019**

20 x 20 x 3,5 cm

Coleção de Arte Sesc Brasil / Acervo Departamento Nacional (Rio de Janeiro/RJ); ed. 1/10 (2018)

**Guia dos Bens Tom\_Ados do Brasil III, 2019**

50 x 47 x 79 cm

Livro *Guia dos Bens Tombados do Brasil* com páginas recortadas à mão coberto com pó de pau-brasil sobre mesa dobrável de camelo coberta com terra do Quilombo dos Palmares; ed. 1/10**História da Colonização Portuguesa do Brasil****– DEsCOLONIZAR, 2022**

49 x 73 x 28,5 cm

Intervenção na capa do livro *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (Edição 98 Monumental, comemorativa do primeiro centenário da Independência do Brasil – Litografia Nacional, Porto, 1921), com a palavra “DESCOLONIZAR” em baixo-relevo sobre suporte de Bíblia**História do Brasil, 2020**

Fotografia – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10

**História e Geografia do Brasil, 2022**

28 x 27 x 13,5 cm

Intervenção com recorte e lama da barragem Córrego do Feijão, de Brumadinho/MG, sobre a capa do livro *História e Geografia do Brasil* e rocha**Históricos Brasileiros – desCOLONIZADO, 2022**

32 x 46,5 x 5 cm

Instalação – colagem de letras recortadas do livro *Arte no Brasil* sobre a capa do livro *Grandes Personagens da Nossa História – Mapas Históricos Brasileiros***Meritocracia, 2022**

23 x 25,5 x 10,6 cm

Intervenção em baixo-relevo da frase “CONTE POR QUANTOS MÉDICAS(OS) NEGRAS(OS) VOCÊ JÁ FOI ATENDIDO” sobre a capa do livro *DIET MANUAL* e oratório**MERITOCRACIA II, 2023**

35 x 54 x 4 cm

Bandeja com a palavra “MERITOCRACIA”, terra do Quilombo dos Palmares e imagem do casamento de Dom Pedro II, retirada do livro *História do Brasil***Mudança I, 2012**

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3; Prêmio 10º Salão Elke Hering

**Mudança II, 2012**

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3;

Premiada no 10º Salão Elke Hering

**Mudança III, 2012**

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3;

Prêmio 10º Salão Elke Hering

**Mudança IV, 2012**

Fotoperformance – 80 x 120 cm

Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/3

Acervo Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3;

Prêmio 10º Salão Elke Hering

**NA ESCOLA DE JESUS – NEGROS II, 2018**

26,5 x 20 cm

Intervenção sobre página do livro *Na escola de Jesus* com recorte da palavra NEGROS aplicada sobre uma pintura do livro *Arte no Brasil***Negro II, 2025**

12 x 89 x 10 cm

Cabo de pá, terra do Quilombo dos Palmares

e de Brasília, e ponta de metal de cerca; ed. 1/2

**Negro\_a. Preto, 2019**

200 x 200 cm

Impressão em adesivo; ed. 1/100

Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), ed. 2/100

**O Presidente da República Zumbi dos Palmares, 2023**

60 x 50 x 4 cm

Tinta branca, colagem da imagem do primeiro Presidente da República do Brasil, Deodoro da Fonseca, recortada do livro *História do Brasil* (Volume II, Bloch Editores, 1972), e terra do Quilombo dos Palmares e de Brasília sobre tela; ed. 2/2**OBRAS, 2025**

19,3 x 4,5 x 14,3 cm

Intervenção com tira de chinelo e terra de Brasília

sobre o livro *OBRAS***Ordem e Progresso I, 2019**

27,5 x 21 x 3 cm

Colagem sobre página de livro

**Ordem e Progresso II, 2019**

27,5 x 42 cm

Colagem sobre página de livro

**Ordem e Progresso III, 2019**

27,5 x 21 x 3 cm

Colagem sobre página de livro e terra

do Quilombo dos Palmares

**respirARnegro, 2021**

20 x 20 cm

Impressão em adesivo sobre PVC; ed. 1/100

Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), ed. 2/100

**respirARnegro II, 2022**

28 x 50 x 32,5 cm

Impressão da nova definição Negro\_a. Preto sobre o livro *Novo Dicionário Aurélio* e pedaço de calçada de pedra portuguesa do centro velho da cidade de São Paulo**série A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA – \_EGRO\_, 2019**

Assemblage – 28 x 47,5 cm

Acervo Fabiano Pries Devide

**série A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA – Rugendas, 2019**

Assemblage – 28 x 47,5 cm

**série BRASIL BRASILEIRO – A Coisa, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Africanos, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/50

Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

**série BRASIL BRASILEIRO – Cabelo, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Caro Professor, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Credooooo, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/50

Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

**série BRASIL BRASILEIRO – Denegrir, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Desde quando, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/50

Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

**série BRASIL BRASILEIRO – Essa é, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Frases que Já Ouvi I, 2021**

35 x 30 x 8 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Mercado, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Não Sou, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Nasceu, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

**série BRASIL BRASILEIRO – Uê, 2019**

40 x 30 x 2 cm

Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/50

Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

**série CENA DE GALANTEIO – I, 2025**

39 x 28 x 20 cm

Vaso de porcelana com estampa de cena de galanteio, terra do Quilombo dos Palmares, espada de São Jorge e pedaço de calçada de pedra portuguesa do centro velho da cidade de São Paulo

**série CENA DE GALANTEIO – II, 2025**

35 x 61 x 30 cm

Vaso de porcelana com estampa de cena de galanteio, terra do Quilombo dos Palmares, espada de São Jorge, o livro *Grandes Poetas Românticos do Brasil* e pedaço de calçada de pedra portuguesa do centro velho da cidade de São Paulo**série CENA DE GALANTEIO – III, 2025**

25 x 25 x 2,5 cm

Prato de porcelana com estampa de cena de galanteio e terra do Quilombo dos Palmares

**série CENA DE GALANTEIO – V, 2024**

17 x 17 x 2,4 cm

Prato de porcelana com estampa de cena de galanteio, colado com terra do Quilombo dos Palmares sobre pedaço de calçada de pedra portuguesa do centro velho da cidade de São Paulo

**série CHÁ – Chão I, 2025**

35 x 25 x 20 cm

Xícara de porcelana com estampa de cena de galanteio e terra do Quilombo dos Palmares sobre pedaço de calçada de pedra portuguesa do centro velho da cidade de São Paulo

**série CHÁ – Chão II, 2024**

30 x 80 x 30 cm

Xícara de porcelana com estampa de cena de galanteio colada com terra do Quilombo dos Palmares sobre pedaço de calçada de pedra do centro velho da cidade de São Paulo e pedestal colonial com terra do Quilombo dos Palmares

**série CORpo-MANIFESTO – DECOLONIAL, 2022**

Fotoperformance – 80 x 150 x 2 cm

Impressão sobre tecido fixada em cabo de vassoura; ed. 1/5

**série CORpo-MANIFESTO – Desterro, 2022**

Fotoperformance – 150 x 80 x 2 cm

Impressão sobre tecido fixada em cabo de vassoura do Museu de Arte de Santa Catarina; ed. 1/10

série **CORpo-MANIFESTO – Largo do Paço**, 2022  
Fotoperformance – 80 x 150 x 2 cm  
Impressão sobre tecido fixada em cabo de vassoura; ed. 1/10

série **CORpo-MANIFESTO – Topo do Mundo I**, 2023  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **DEsCOLONIZAR – Ajoelhe-se para si**, 2022/2025  
85 x 131 x 43 cm  
Tecido de veludo vinho recortado, preso em cabo de vassoura de metal da Pinacoteca de São Paulo, fixado em ponta de metal de cerca de “Casa Grande”, e genuflexório forrado com tecido de veludo vinho

série **DEsCOLONIZAR – Ajoelhe-se para si**, 2022/2025  
24.07.2025 – 16h30, Performance, 23’  
Nesta performance, o artista se ajoelha sobre o genuflexório e permanece em posição de oração por 23 minutos. A obra faz referência ao dado alarmante de que, a cada 23 minutos, uma pessoa negra é morta no Brasil

série **desCOLONIZAR CORpos – Louvre III**, 2023  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **desCOLONIZAR CORpos – Louvre IV**, 2023  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **desCOLONIZAR CORpos – Louvre V**, 2023  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **desCOLONIZAR CORpos – Louvre VI**, 2023  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **desCOLONIZAR CORpos – REFLEXOS I**, 2023  
Fotoperformance – 150 x 100 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **desCOLONIZAR CORpos – REFLEXOS III**, 2023  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **desCOLONIZAR CORpos – Lanceiro II**, 2022  
Fotoperformance – 100 x 150 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10

série **HISTÓRIA DO BRASIL – Branca**, 2021  
25 x 32 cm  
Tinta branca sobre página do livro *História do Brasil I*  
Acervo Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação

série **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” – Branco sobre Branco**, 2021  
60 x 50 x 4 cm  
Tinta branca, colagem e carimbo sobre tela; ed. 2/2  
Acervo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); ed. 1/2

série **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” – Branco sobre Branco I**, 2021  
60 x 50 x 4 cm  
Tinta branca, colagem e carimbo sobre tela; ed. 2/2  
Acervo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); ed. 1/2

série **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” – Branco sobre Branco II**, 2021  
60 x 50 x 4 cm  
Tinta branca, colagem e carimbo sobre tela; ed. 2/2  
Acervo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); ed. 1/2

série **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” I**, 2021  
60 x 50 x 4 cm  
Tinta branca e colagem sobre tela; ed. 1/2

série **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” III**, 2021  
60 x 50 x 4 cm  
Tinta branca e colagem sobre tela; ed. 1/2

série **HISTÓRIA DO BRASIL – DEsCOLONIZAR**, 2023  
26,5 x 33,5 x 2,5 cm  
Intervenção no livro *História do Brasil*

série **HISTÓRIA DO BRASIL – Manuel de Araújo**, 2022  
53,5 x 33 x 2 cm  
Intervenção sobre página do livro *História do Brasil*

série **HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO IV**, 2020  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5  
Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 2/5  
Prêmio Salão Victor Meirelles

série **HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO VII**, 2020  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5  
Acervo Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 2/5  
Prêmio Salão Victor Meirelles

série **HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO ZERO**, 2020  
26,5 x 33,5 x 3 cm  
Colagem de fotoperformance da série HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO sobre o livro *História do Brasil*

série **HISTÓRIA DO BRASIL – SEM HISTÓRIA DO BRASIL – NEGRA**, 2020  
32,5 x 34 x 20 cm  
Intervenção na capa do livro *História do Brasil*

série **HISTÓRIA DO BRASIL – Verde e Amarela**, 2021  
40,5 x 26 x 3 cm  
Intervenção no livro *História do Brasil* com colagem e cerdas de vassourinha de brinquedo nas cores verde e amarela

série **O LUGAR QUE NÃO PERTENÇO – I**, 2018  
Fotoperformance – 100 x 150 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10  
Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

série **O Lugar que Pertença**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10  
Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

série **PALAVRAS TOMADAS – ARTE**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10  
Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

série **PALAVRAS TOMADAS – Grite**, 2018  
Vídeo, 2’38”  
Fotoperformance impresso em papel submerso em água sanitária

série **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Direito das Obrigações**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10  
Acervo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), ed. 3/10; Fabiano Pries Devide, ed. 4/10

série **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Justiça I**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10  
Acervo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), ed. 3/10; Museu de Artes Visuais da Unicamp (MAV), ed. 5/10

série **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Justiça III**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10

série **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso – Justiça VI**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10

série **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso I**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10  
Acervo Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

série **PALAVRAS TOMADAS – Preto**, 2018  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/10

série **SEMANA 22 – Negra I**, 2022  
Fotoperformance – 80 x 120 cm  
Impressão sobre papel Fine Art; ed. 1/5

série **SEMANA 22 – Negra II**, 2022  
Fotoperformance – 80 x 150 x 2 cm  
Impressão sobre tecido fixada em cabo de vassoura do Museu Nacional da República; ed. 1/5

série **SEMANA 22 – Negra III**, 2022  
Fotoperformance – 80 x 150 x 2 cm  
Impressão sobre tecido fixada em cabo de vassoura do Museu Nacional da República; ed. 1/5

série **SONHOS BORDADOS**, 2021  
67 x 63 x 8 cm  
Pano de chão bordado e vassoura de kit de brinquedos

série **SONHOS RECORTADOS**, 2022  
40 x 130 x 3,5 cm  
Pano de chão, cabo de vassoura da Casa de Cultura de Joinville, ponta de metal de cerca de “Casa Grande” e terra do Quilombo dos Palmares

**Sou o Sonho dos Meus Ancestrais**, 2024  
17 x 17 x 2,4 cm  
Prato de porcelana colado e frase escrita na parede com terra do Quilombo dos Palmares

**Tudo I**, 2025  
20 x 10 x 5 cm  
Vaso de parede em porcelana com estampa de cena de galanteio, espada de São Jaorge e terra do Quilombo dos Palmares

**Tudo II**, 2025  
20 x 10 x 5 cm  
Vaso de parede em porcelana com estampa de cena de galanteio, espada de São Jaorge e terra do Quilombo dos Palmares

**Tudo que é vivo incomoda**, 2023  
Manifesto – 120 x 40 cm  
Impressão sobre tecido de algodão; ed. 1/10

**Verde Amarela**, 2022  
19,3 x 4,5 x 14,3 cm  
Intervenção sobre o livro *Seleções*, tira de chinelo e lama da barragem Córrego do Feijão, de Brumadinho/MG

## Biografias

# SÉRGIO ADRIANO H

Joinville (SC), 1975. Artista visual, fotógrafo, performer e pesquisador afrodiaspórico, com mais de 25 anos de trajetória. Vive e produz entre Joinville, Florianópolis e São Paulo. Formado em Artes Visuais e mestre em Filosofia, foi selecionado em 2014 como um dos 30 artistas mais influentes de Santa Catarina, tendo sua biografia registrada no livro *Construtores das Artes Visuais: Cinco Séculos de Artes em Santa Catarina*.

Entre suas conquistas, destaca-se a Medalha Cruz e Sousa (2022), a mais alta honraria em artes concedida pelo Estado de Santa Catarina. Em 2024, foi indicado entre os três finalistas ao Prêmio Mario Pedrosa, da ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte, destinado ao artista de destaque nacional, e recebeu o IV Prêmio Palmares de Arte – Prêmio Januário Garcia de Fotografia. Ao longo da carreira, acumula 40 premiações, mais de 220 exposições e obras em 21 acervos públicos.

Sua pesquisa se ancora em uma perspectiva afrodiaspórica e decolonial, na qual corpo, memória e crítica social se entrelaçam. Por meio de objetos, fotografias, vídeos e performances, investiga os limiares entre vida e morte, presença e apagamento, confrontando as engrenagens do racismo sistêmico, da violência colonial e da necropolítica que estruturam o mundo contemporâneo.

A obra de Sérgio Adriano H tensiona narrativas oficiais ao problematizar o que denomina “verdade apresentada”, “verdade fabricada” e “fake news”, revelando como discursos de poder constroem silenciamentos e apagam presenças negras. Seus trabalhos abordam identidade racial, gênero, violência, invisibilidade e exclusão social, reinscrevendo a memória afro-brasileira no espaço público e simbólico.

Atuando como um dispositivo de reexistência, suas performances e instalações evocam histórias ausentes, palavras não ditas e legados ancestrais sequestrados pelo colonialismo. Ao transformar silenciamentos em presença, sua arte cria fissuras na narrativa dominante, expondo os mecanismos coloniais que ainda insistem em invisibilizar as potências negras e afirmando a força vital da memória e do corpo político frente à necropolítica.

**Possui obras em 21 acervos públicos**, dentre os quais:

- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC USP
- Museu de Arte do Rio – MAR
- Museu de Arte Contemporânea da Bahia – MAC Bahia
- Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM
- Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM
- Palácios Presidenciais, Brasília
- Museu de Artes Visuais da Unicamp.
- Museu Memorial Instituto Pretos Novos – IPN
- Fabrica de Artes Marcos Amaro – FAMA
- Bienal Internacional de Curitiba
- Museu de Arte de Santa Catarina – MASC
- Museu de Arte de Blumenau – MAB
- Serviço Social do Comércio – SESC

**40 premiações**, destaque:

- 2024 – IV Edição do Prêmio Palmares de Arte - Prêmio Januário Garcia de Fotografia
- 2024 – Prêmio Centro Cultural Tribunal de Contas da União – TCU
- 2022 – Medalha Cruz e Sousa, maior honraria em artes concedida pelo Estado de Santa Catarina
- 2024 – Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, Estado de Santa Catarina
- 2022 – Salão Nacional Victor Merelles – Museu de Arte de Santa Catarina – MASC
- 2021 – Prêmio FAMA – Fabrica de Artes Marcos Amaro - SP
- 2020 – Prêmio de Reconhecimento por Trajetória Cultural Aldir Blanc Santa Catarina
- 2018 – Menção Honrosa – Bienal das Artes SESC, Brasília/DF
- 2018 – Medalha Victor Meirelles como Personalidade do Ano de 2018, concedida pela ACLA - Academia Catarinense de Letras e Artes

**Principais Livros** nos quais é citado:

- 2024 – “Pédagogie de l’expérience esthétique et de l’expérimentation em art”. Publicação Université Paris, Panthéon-Sorbonne, Paris
- 2023 – Passado-presente em obras tridimensionais: uma antologia da história da arte em Santa Catarina. Editora AAESC
- 2021 – Apontamentos da Arte Africana e Afro-Brasileira Contemporânea. Célia Maria Antonacci, Editora Invisíveis Produções
- 2019 – 25 Anos da Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba, Curitiba/PR
- 2014 – Construtores das Artes Visuais: Cinco Séculos de Artes em Santa Catarina. Editora Tempo Editorial, Florianópolis/SC
- 2013 – Rumos – Convite à Viagem, Itaú Cultural

**Participou em mais de 220 exposições**, destaque:

**Coletivas**

- 2025 – “Afro-brasilidade”, FGV Arte, Rio de Janeiro/RJ
- 2025 – “Apropriações no Acervo MAC\_BAHIA”, Museu de Arte Contemporânea da Bahia, Salvador/BA
- 2025 – “MAM São Paulo na Pinacoteca do Ceará: figura e paisagem, palavra e imagem”, Pinacoteca do Ceará, Fortaleza/CE
- 2024 – “Brasília, a arte do planalto”, Museu Nacional da República, Brasília/DF
- 2024 – “ÚLTIMO LOTE”, Museu de Arte Contemporânea da Bahia, Salvador/BA
- 2024 – “ACERVO ABERTO”, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP
- 2024 – “Outras Paisagens”, MAC, Niterói/RJ
- 2024 – “APROXIMAÇÕES”, Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto/SP
- 2024 – “Brasília: A Arte da Democracia”, FGV Arte, Rio de Janeiro/RJ
- 2024 – “Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro”, SESC Quitandinha, Teresópolis, Rio de Janeiro/RJ
- 2023 – “Mãos: 35 anos da Mão Afro-Brasileira”, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, São Paulo/SP
- 2023 – Projeto expositivo “Em visita. Helô Sanvoy e Sérgio Adriano H”, Museu de Artes Visuais da Unicamp, Campinas/SP
- 2023 – “Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro”, SESC Belenzinho, São Paulo/SP
- 2022 - “Visão do Paraíso”, Centro Cultural Brasil-Moçambique, Maputo, Moçambique
- 2022 - “Encruzilhada”, Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador/BA
- 2022 – “[Inde]pendências e seus transbordamentos no contexto catarinense”, Museu Histórico de Santa Catarina/MHSC – Palacio Cruz e Sousa, Florianópolis/SC
- 2020 – PretAtitude – Emergências Insurgências Afirmações. Arte Afro-Brasileira Contemporânea, Sesc Rio Preto, São José do Rio Preto/SP
- 2020 – “Livros Livres”, Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), Florianópolis/SC
- 2019 – 14º Bienal de Internacional de Curitiba, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba/PR
- 2018 – 8º Bienal Argentina de Fotografia Documental, Tucumano, Argentina
- 2018 – Bienal das Artes – SESC, Brasília/DF
- 2018 – “Somos Todos Iguais”, Centro Cultural de Justiça Federal, Rio de Janeiro/RJ
- 2018 – “Desterro Desaterro - Arte Contemporânea em Santa Catarina”, Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), Florianópolis/SC
- 2017 – Antípodas – Diverso e Reverso, Bienal Internacional de Curitiba, Curitiba/PR
- 2017 – “Diálogos Ausentes”, Itaú Cultural, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro/RJ
- 2016 – Diálogo Ausentes, Itaú Cultural, São Paulo/SP

**Individuais**

- 2024 – Exposição AparadDOR, Galeria SESC, Niterói/RJ
- 2023 – Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Institut national d’histoire de l’art, Paris, França
- 2023 – Exposição desCOLONIZAR CORpos, Caixa Cultural de Brasília, Brasília/DF
- 2023 – Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Paço das Artes, São Paulo/SP
- 2023 – Performance “desCOLONIZAR CORpos”, Museu de Artes Visuais da Unicamp, Campinas/SP
- 2023 – Exposição Ser Negro, Galeria Jandira Lorenz, CEART UDESC, Florianópolis/SC
- 2021 – Não Consigo Respirar, Fabrica de Artes Marcos Amaro, Itu/SP
- 2021 – Minuto de Silêncio, Centro Cultural da Diversidade, São Paulo/SP
- 2020 – “E essa tal liberdade, aonde é que anda, aonde é que vai?”, Galeria Choque Cultural online, São Paulo/SP
- 2019 – Ressoar, 14º Bienal de Curitiba parceria com Galeria Choque Cultural, São Paulo/SP
- 2019 – Índice, 14º Bienal de Curitiba – Polo SC, Fundação Badesc, Florianópolis/SC
- 2019 – Palavra Tomada, Galeria SESC, Joinville/SC
- 2019 – Palavra Tomada, Galeria SESC, Itajaí/SC
- 2019 – Palavra Tomada, Casa da Cultura Dide Brandão, Itajaí/SC
- 2019 – TU MATA EU, Galeria Pretos Novos, Rio de Janeiro/RJ
- 2019 – Ruptura do Invisível, Centro de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ
- 2019 – Grito em Silêncio, Memorial Meyer Filho, Florianópolis/SC
- 2019 – O Visível do Invisível – Intervenção Urbana / Instalação / Ação de arte, Joinville/SC
- 2018 – Ruptura do Invisível – Intervenção urbana – Exposição / Ação de arte em muros externo, Fundação Cultural Badesc, Florianópolis/SC

## JULIANA CRISPE

É curadora independente, pesquisadora, professora, arte-educadora, artista visual. Atua como professora nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais no CEART/UEDESC. Coordena o Projeto Armazém (2011- ), projeto que apresenta através de exposições, seminários, oficinas, feiras de arte e seu acervo, obras que sejam múltiplos, artes gráficas, publicações de artista, de pequenas e grandes tiragens. Desde 2016 coordena o “Instituto Armazém Coletivo Elza” em Florianópolis/SC, um coletivo de mulheres e pessoas não binárias com o objetivo de promover arte, cultura, publicações de artistas, educação, saúde coletiva e empoderamento. Coletivo ativista nas causas Feministas, Negras, Indígenas, Anticapacitista e LGBTQIAPN+. Participa como membra avaliativa de Conselhos, Comissões de Editais e Salões de Artes Visuais pelo Brasil. É membra da ABCA - Associação Brasileira de Críticos de Arte.

## CLAUDINEI ROBERTO DA SILVA

Nascido em 1963, em São Paulo (SP), onde vive e trabalha, é um homem negro e periférico, artista visual, curador e professor de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pelo Departamento de Arte da Universidade de São Paulo (USP). Em 2002, foi bolsista do CNPq com a pesquisa *Desenho, fundador de linguagem*, orientada pelo professor doutor Jorge Aristides Carvajal. Em 2011, participou do *International Visitor Leadership Program*, do Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos. Entre 2011 e 2013, foi coordenador do Núcleo de Educação do Museu Afro Brasil. Em 2016, integrou a curadoria da 13ª edição da Bienal Naïfs do Brasil, no Sesc Piracicaba (SP). Juntamente com Cauê Alves, Cristiana Tejo e Vanessa Davidson, integra a curadoria do 37º Panorama da Arte Brasileira do MAM-SP, onde, em 2023, foi curador da exposição “Mãos – 35 anos da Mão Afro-Brasileira”. Colabora regularmente com diversas instituições culturais de São Paulo e de outras regiões do Brasil.

## RENATA FELINTO

É artista visual, pesquisadora e professora. É bacharel, mestra e doutora em Artes Visuais pela UNESP, com especialização em Curadoria e Educação em Museus de Arte pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Realizou pós-doutorado como artista residente na University of Pennsylvania (EUA). É professora adjunta na Universidade Regional do Cariri (URCA/CE), atuando também no Mestrado Profissional em Artes. Lidera o grupo de pesquisa NZINGA (CNPq) e coordenou o curso de Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri (URCA) por duas gestões. Curadora da 15ª Bienal Naïfs do Brasil, foi contemplada com o Prêmio Miguel Arcanjo de Cultura (2021). Expôs em instituições como o Centro Cultural São Paulo (CCSP), Museu de Arte do Rio (MAR), Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), SESC, Kunstmuseum Wolfsburg e Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Participou da 12ª Bienal do Mercosul e das exposições *Histórias Afro-Atlânticas*, *Dos Brasis* e *Enciclopédia Negra*. Recebeu os prêmios PIPA, Select e do Salão Anapolino (2020).

## Tradução para o inglês English translation

**Banco do Brasil** presents and sponsors the solo exhibition *CORpo MANIFESTO*, by Sérgio Adriano H – one of the most prominent figures in contemporary Brazilian art – celebrating 25 years of his career. The project is curated by Juliana Crispe and Claudinei Roberto.

The exhibition features 113 works spanning various artistic languages, including photo-performance, sculpture, painting, installation, and video. Through a visually striking aesthetic, the multifaceted artist uses his body as a tool for both protest and reflection, forging a deep connection between past and present. His work challenges audiences to reconsider the role of art in historical reparation, foregrounding structural racism and the invisibility of Black populations.

With this project, the **Centro Cultural Banco do Brasil** advances awareness around representation, identity, and ancestry through decolonial narratives and self-representation, while supporting and strengthening a more inclusive contemporary art landscape.

**Centro Cultural Banco do Brasil**

### **CORpo MANIFESTO**

Juliana Crispe, curator

The exhibition *CORpo MANIFESTO*, by Sérgio Adriano H, uses art as a provocation and catalyst for urgent and necessary debates to be considered and discussed throughout Brazilian society. With a 25-year career, Sérgio has always placed his body as a battleground - understanding himself as a collective body, capable of reorganizing and challenging the fixed and oppressive structures that shape a society in need of retelling, deconstruction, and transformation.

Since the beginning of his artistic practice, Sérgio Adriano H has centered his research on systemic racism, seeking to expose, through his work, the absent, erased, and silenced histories of the Black people, reframing everything that “history” has presented to us as regimes of “truth”.

Over the course of his trajectory, Sérgio has built a solid career, gaining national recognition for the excellence of his production, the rigor of his research, and the professionalism and seriousness with which he works. His works are present in major national collections, and through his ethics and aesthetics, he has been building a necessary poetics, both as confrontation and as action, for the urgent and indispensable changes our times demand.

In confronting structural racism, Sérgio uses his “body-color” to question and express actions that place Brazil, statistically, among the most racist countries in the world. This contrasts with the fact that, according to data from the Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (Brazilian Institute of Geography and Statistics) [IBGE], 54.2% of Brazil’s population identified as Black in the 2022 census.

In this exhibition, Sérgio Adriano H presents reflections that interrogate supposedly legitimate narratives of symbolic identities. These narratives - originating from what has historically been framed as the “construction” of Brazilian history, now understood as invasion and structured by colonial processes - are challenged through deconstruction and the proposal of new meanings. These allow us to reconsider the social fabric, segregation, veiled accounts of Black history, and racism as a structuring mechanism of Brazilian culture.

According to Nêgo Bispo (1959-2023), colonization is comparable to domestication. He teaches us that to domesticate and to colonize are equivalent acts: both the domesticator and the colonizer begin by deterritorializing the attacked being, breaking its identity, stripping it from its cosmology, separating it from its sacred, imposing new ways of life, and assigning it a new name.

Nêgo Bispo highlights the urgency of rejecting the ongoing effects of colonization in today’s world. He argues that there are many worlds and ways of living within society, and that we must not subordinate our ways of life to colonial systems that persist in standardization, binarism, domestication processes, and the imposition of hegemonic identities over bodies.

In the face of this dichotomy, the invisible bodies within this social web begin to emerge from the structures of order that naturalize historically marginalized bodies. In doing so, Sérgio Adriano H reveals the social and political fractures from which art history is not exempt. The artist proposes deconstructions and new meanings regarding history, the social fabric, segregation, the hidden past of Blackness, and racism as a structuring mechanism of Brazilian culture - thus pointing toward new presents and possible futures.

In her book *O pacto da branquitude* (2022), Brazilian activist Cida Bento defines “whiteness” as the position of historical privilege and power occupied by white people in society, a position imposed through racism and born from social and historical processes of domination. Understanding this concept requires recognizing that it goes beyond individual white identity, encompassing practices, values, and beliefs that still perpetuate racial inequality. Thus, to build an antiracist society, it is the collective responsibility of whiteness to break these structures and fight to end the injustice that, throughout history, has led to the systemic massacre imposed by white people.

If Sérgio, like so many other Brazilian artists, fights with and through his work and his body to break this structure, then we, as spectators, must stop being mere contemplators of his art and become active agents in the structural transformations this country demands. Sérgio invites us to reflect on our past and present and calls for a new future, in which, within his greatest dream and vision, lies the challenge of transforming the meanings of the words PRETO (black, as in pitch or coal) and NEGRO (dark color resembling charcoal or asphalt), as found in our dictionaries, into synonyms for LIGHT.

May this exhibition serve as a manifesto for the Brazilian history, a history that must be questioned and reconstructed, with education activated as a field of action and transformation. May each person who visits *CORpo MANIFESTO* question their role in this society and reflect on their part in the processes of change.

### On the Manifest of the Body and the Manifested Body

Claudinei Roberto da Silva, curator

In the works presented in this exhibition, *CORpo MANIFESTO*, Sergio Adriano H employs a wide range of narrative resources, essential to the multifaceted approach with which he confronts issues and phenomena related to the very constitution of Brazilian society as we perceive it today.

The construction of knowledge that manifests itself, and simultaneously results from a unique artistic endeavor, has never, and does not, disregard the artist's own body. It is, therefore, also a symbolic projection of body politics - politics that Sergio Adriano H overtly constructs through the multiple devices now brought together in this exhibition.

The temporal arc of this retrospective is extensive, encompassing several periods of our recent history, and not only it, since, through the artist's historical prospecting, the persistence of the social wounds he denounces becomes evident, wounds that have afflicted us for at least five centuries.

Also evident, through the platform offered by this exhibition, is the resilience of an artist who, despite the many adversities inherent in our cultural environment, has consistently consolidated his artistic project while also earning the recognition of both the public and the art institutions.

The repertoire of approaches employed in his work includes multiple strategies that have resulted, for instance, in investigations into everyday life. These, in turn, sometimes unfold into interventions on domestic objects, which are thus re-signified.

This same repertoire contributes to the prolific development and production of performances, photographs, videos, sculptures, and assemblages. This is also made possible by the quality of a polyphonic sensibility that has always been committed to investigating, understanding, and, at times, denouncing complex situations - situations that he has managed to convey with poetic force, sharpness, and striking singularity.

The ideas historically constructed around Black bodies penetrate certain territories even before Black individuals themselves arrive there. In territories defined by racism, what is projected onto the Black body, through prejudice, always arrives before any actual knowledge or imagined understanding of what that body truly is.

Since its invention in eighteenth-century Europe, racismo, which seeks to affirm the superiority of whites over non-whites, has contributed to the construction of narratives aimed at confirm-

ing, in Black men and women, a fabricated inferiority. A crucial part of this strategy relies on epistemicide: the erasure and destruction of the memory of Brazilian descendants of Afro-Atlantic civilizations.

To deny historically "minoritized" majorities, socially and culturally diminished by colonial processes, access to and the right to preserve their histories and memories is part of the logic, full of contradictions, that the Enlightenment ultimately installed. True to its ideals, this European intellectual current established a division between intellectual labor and manual or physical labor. This proposition conveniently supported the arrangements that sought, through a variety of means, to justify the subjugation and enslavement of non-Europeans.

Through his work, the historian that, each in his own way, Sergio Adriano H also is, invites us to consider that the knowledge we have about ancestral and Indigenous civilizations confirms that they do not recognize, nor participate, in the dichotomy between body and mind. The attempt to strip the other's body of its complexity and humanity, turning divergent bodies into objects, is a foundational element of the structure that sustained slavery and continues to uphold the racism it spawned.

Afro-Brazilian contemporary art is now experiencing an unprecedented moment of visibility. The growing institutional interest in these productions is not, however, accidental. It corresponds to the recognition of a form of excellence long cultivated and now increasingly evident. Furthermore, such recognition also represents a response from institutions to historical demands born within Brazilian Society - demands that clearly emerge through the pressure of historically excluded groups who, in an organized manner, have been asserting their right to access and presence in territories that are often or usually denied to them - including, of course, museums and related institutions.

This mobilization has succeeded in creating affirmative and inclusion policies that have enabled access for Black Brazilians to higher education, thereby contributing to the emergence of professionals who are indispensable to a more plural and diverse cultural landscape.

In this way, Sergio Adriano H, Black and physically presente, assumes the protagonism of his own history, which he wishes to elaborate, both metaphorically and concretely, as a chapter in a book that inscribes a polycentric, multicultural, decolonized, and diverse art history. In this history, from the margins of capitalism, divergent voices may also express and develop their theses.

### COR-po Documento que media-DOR

Educational Programming Text by Renata Felinto

The works that Sérgio Adriano H presents in the exhibition *CORpo MANIFESTO*, at Centro Cultural Banco do Brasil in Rio de Janeiro, strike a poetic and critical balance in urgently reclaiming historical narratives within the symbolic territory of art. Each work calls upon us to revisit the official versions that, to this day, uphold power in the hands of white hegemony - versions

constructed by those who called themselves colonizers, but who are, in fact, part of a lineage of invaders. History, shaped under the guise of neutrality, is laid bare here. Its significance is reclaimed through artistic gesture, through the performing body, and through the symbolic reappropriation of books, objects, and spaces. Each work by Sérgio Adriano H reveals omissions and distortions, reminding us that historicity is subject to ideological curatorships that determine what and who is deemed worthy of remembrance.

We must ask ourselves: whom does a History that marginalizes the knowledge of non-white peoples serve? In official narratives, what place is assigned to Indigenous and African populations, if not that of mere "cultural contribution", reduced to folklore or ornamentation in the construction of Brazilian identity? The colonial project erases epistemologies, technologies, and ways of life deeply rooted in other cosmologies, reinforcing its fiction of superiority.

As Denise Ferreira da Silva points out in *A Dívida Impagável* (2024), the issue is not only the absence of racialized subjects in History, but the denial of their full humanity. Western modernity established itself as the authority on who qualifies as a subject and who does not, who thinks and who serves. By denying epistemic status to racialized peoples, History becomes a continuous operation of erasure.

This is not a historical debt that can be settled; it is unpayable, forged precisely to withhold recognition of the value of the worlds it destroyed. How, then, can we challenge this reality, if not through the insurgency of images, the reinvention of records, and the restitution of silenced voices?

Sérgio Adriano H inscribes his existence as a Black man into the core of his creative processes. A vulnerable body, exposed to risk - in a country where, according to the *Atlas da Violência*, Black individuals are 2.7 times more likely to be victims of homicide than white individuals (AGÊNCIA BRASIL, 2025). For racialized artists, the act of being on stage, trivial for white artists, is an act of resistance and survival.

His body carries texts, objects, and images that re-inscribe passages of History through the lens of belonging and justice. For centuries, only a few have had the right to narrate the world. So we must ask: Which stories are told as truth? Who was left out of the books? What do we gain - and what do we lose - by accepting whiteness as the measure of all things?

In contemporary visual arts in Brazil, it is not enough to decolonize; we must counter-colonize. While the decolonial logic is anchored in critique, the concept of counter-coloniality - as proposed by Antônio Bispo dos Santos (1959-2023) - asserts new centralities forged from quilombola, Indigenous, and Afro-diasporic epistemologies.

By counter-colonizing through images, gestures, and symbols, Sérgio Adriano H shifts the axis of the world and reinscribes memory. To invoke Bispo dos Santos here is to affirm that art, when aligned with the land, with territory, and with the re-education of collective memory, becomes an instrument of healing, reordering, and reexistence.

And you, the visitor: what stories can you retell through your presence? Who holds the power to remember and to be remembered?

### Educational Programming Texts

by Renata Felinto

The works by Sérgio Adriano H articulate different strategies - at times evoking wordplay through a metalinguistic lens, at others engaging his own body as a key element to decode the subtweets of landscapes that are only seemingly idyllic. In the photo-performance *desCOLONIZAR CORpos*, emphasis is placed on the words "colonize" and "color," pointing to racial markers as key determinants in the imposition of a colonial project that hierarchized bodies, cultures, and cosmologies. Within this system, non-whiteness - both physical and metaphysical - is devalued, domesticated, and ultimately eradicated.

The process of eliminating the non-white other is exposed in works that denounce how Brazil's official history was written to celebrate white, elitist conquests while suppressing Black and Indigenous insurrections and resistance, such as the quilombos.

The photo-performances by Sérgio Adriano H, created in locations like Parque Farroupilha/RS (formerly Campo da Redenção) and Brumadinho/MG, as part of the *desCOLONIZAR CORpos* series, evoke the urgency of decolonizing narratives and restoring the significance of territories now regarded as tourist destinations but deeply connected to the participation of historically excluded populations.

The works constitute visual counter-narratives that question the notion of "order and progress" - a direct reference to the national flag - which continues to promote an epistemicide against the historicity of non-white populations. Sérgio Adriano H recognizes the object "book" as a tool for maintaining power in the hands of the heirs of coloniality. By artistically intervening in this object, he inscribes forms of reading not through letters, but through insurgent gestures.

In the photo-performance *CORpo-MANIFESTO*, created in the former Largo do Paço, in Rio de Janeiro - a site that once concentrated the political power of Imperial Brazil. The work inscribes, onto this space of authority, the upright presence of the artist, wrapped in a blanket collected from the streets - an object associated with the survival of people living in situations of vulnerability. The image contrasts the strength of the Black body with the symbolic fragility of domination structures. In the installation *Brasil Brasileiro*, twelve baby clothes printed with stigmatizing phrases reveal how racism operates in banalized form, rooted in the symbolic body of the nation and in the everyday perpetuation of its systems of oppression.

The works *Semana de 22 (I, II, and III)*, *Arte no Brasil - Negras*

*Il*, and *Arte no Brasil – Negros II* propose critical shifts within the history of Brazilian art. In one of the images, the artist covers his face with a white cloth and holds an art book in front of a monument marked with the year “1922”. This performative gesture satirizes the erasure of Black artists from official narratives, exposing the compulsory alignment of Brazilian visual production with European academic standards. These works, therefore, reveal whiteness as an imposed aesthetic norm and silencing as a historical technology.

Works such as *História do Brasil – Marco Zero*, *Manuel de Araújo*, *História da Colonização Portuguesa do Brasil – desCOLONIZAR*, *MéritoCRACIA*, *Ordem e Progresso II* and *III*, and *Na Escola de Jesus – Negros II* function as visual documents that critically address epistemicide. Through book-sculptures, collages, installations, and photo-performances, Sérgio Adriano H reconstructs symbolic layers that denounce the institutionalized erasure of Black, Indigenous, and folk contributions.

More than denunciation, these works also articulate a desire for justice and for the reordering of memory and legacy.

In the intertwining of critique and re-enchancement, works such as *Sou o sonho dos meus ancestrais*, *Cena de Galanteio V*, *Enciclopédia Ilustrada do Brasil I, II*, and *III*, *respirARnegro*, *Palavras Tomadas – Arte*, *Justiça*, *Preto*, *Direito das Obrigações*, *O Presidente da República Zumbi dos Palmares*, and *Descolonizar: Ajoelhe-se para si* affirm the contracolonial gesture as an aesthetic force. They inscribe, within the field of art, the power of Black and diasporic cosmologies, calling forth other forms of power, naming, and existence — ones that resist, heal, reinvent, and reeducate. Here, where exclusion was once the rule, the images present themselves as possibilities for the future: embroidered, paved, camouflaged, Black. There is no neutrality in the body — nor in knowledge. What one sees is the construction of a manifesto — made of flesh, word, ruin, and breath.

### Retelling Brazil through the CorpoLivro

Educational Programming Text

by Renata Felinto

### Who has the power to tell History? Who decides what will be remembered or forgotten, what will be glorified or silenced?

In Brazil, History has been — and still is — one of the most effective instruments for maintaining power in the hands of a minority: the direct heirs of those who colonized bodies, knowledge, and territories. Since the first written records, the deeds of white Europeans have been exalted, while Indigenous and African peoples were relegated to the footnotes, mentioned only for their “cultural contributions” or labor force. But who documents their epistemologies, their technologies, their worlds?

The work of Sérgio Adriano H emerges as a visual insurgency against this colonial narrative pact. By occupying the exhibition

space with materials such as books, encyclopedias, photographs, porcelain, cobblestones, and objects from the casa-grande, the artist denounces not only structural racism but also recreational racism and epistemicide, key terms introduced by Adilson Moreira (1976–) and Sueli Carneiro (1950–), respectively. Each work becomes a site of friction between official memory and embodied memory: the one the body carries, the one whispered by the streets, the one held in the silent layers of the land.

In the photo-performances of the series *desCOLONIZAR CORPOS*, carried out in places such as Parque Farroupilha (RS), Largo do Paço (RJ), and Brumadinho (MG), the artist challenges the idea of the idyllic landscape by inscribing the presence of a Black body—both upright and vulnerable — within it. The deliberate use of the word “cor” (color) inside “colonizar” (to colonize) exposes racism as a core mechanism of the Brazilian colonial project. These chosen sites are not random; they are symbolic points of power, tragedy, and erasure. There, he performs gesture, reorders meanings, and directly confronts History.

In the work *CORPO-MANIFESTO*, created at the former Largo do Paço — epicenter of imperial power — Sérgio presents himself wrapped in a blanket collected from the streets, an object associated with social vulnerability. This body, simultaneously powerful and unprotected, destabilizes signs of authority and calls the public to reflect: Who is allowed to occupy these spaces? Who has the right to remain?

Beyond denouncement, his work reveals that the problem is not just the absence of Black subjects in History, but the denial of their full humanity. Western modernity, as Denise Ferreira da Silva (1963–) reminds us, was established as the benchmark of what is considered human, relegating Black and Indigenous bodies to the status of objects. Against this logic, Sérgio Adriano H proposes another way of inhabiting the world — aesthetic, ethical, and radically political.

This proposal not only reacts to the colonial project, but produces knowledge through visibility from other epistemologies, challenging official History — he re-signifies it with soil, with gesture, with word, with body.

And you, visitor to this exhibition — what do you choose to remember? What do you recognize in the images you see? What stories can your presence (or absence) retell?

### 1. Ink, Stamp, and Cut: Re-signifying Silence

In works such as the paintings *Civilizados I* and *Civilizados III*, the photo-performance *Desterro*, the installation *Históricos Brasileiras – desCOLONIZADO*, and the sculptures *Guia dos Bens Tomados do Brasil II*, *A Missão Artística Francesa – Rugendas*, and *A Missão Artística Francesa – EGRO*, Sérgio Adriano H challenges the foundations of Brazil’s official history. White paint, stamps marked “NEGRO”, and cuts made into books and maps produce a symbolic field in which Black bodies have been systematically erased from the national civilizing project. By repositioning these elements, the artist rewrites — not with words, but with gestures, images, and matter — the silences of history. Have you ever considered how many images in Brazilian history celebrate only white bodies? What is omitted when we speak of civilization?

### 2. Books That Hurt: Encyclopedias and Manuals of Power

The series on display in this section includes works such as *Escola Viva desCOLONIZADO*, *Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?*, *Grande Enciclopédia Larousse Cultural PRETO-NEGRO*, *Sem – História do Brasil – Negra*, volumes of the *Guia dos Bens Tombados do Brasil*, the photo-performances *Marco VII* and *Marco IV*, the sculptures *Tudo I* and *Tudo II*, and the pieces *desCOLONIZAR CORPOS* and *REFLEXOS I*. These works critique the book as a tool of symbolic domination. By deconstructing encyclopedias and school manuals, the artist disrupts the myth of knowledge as neutral. The presence of his own body in landscapes marked by colonial violence asserts that knowledge can also be embodied, affective, and lived. What did you learn about Brazil in schoolbooks? Who wrote those narratives?

### 3. Poetics of Exclusion: Who Names What is Beautiful?

In the sculpture *Grandes Poetas Românticos do Brasil*, the artist alters a canonical volume of Brazilian literature by inserting the word “NEGRO.” This seemingly simple gesture shifts the idea of the canon, revealing how symbolic production also participates in structural racism. The work calls for a critical reassessment of the names, verses, and values that shape our national cultural identity. Who are the poets that name Brazil? Which verses were silenced? What is considered beautiful—and why?

### 4. Order, Progress, and Other Lies

The series of photo-performances *Ordem e Progresso – Justiça I, III* and *VI*, alongside the painting *História do Brasil*, intervenes in the national imagination founded on the Republic’s flag and motto. The artist asks: Who benefits from these ideals? The images prompt us to reflect on the place of Black bodies within institutional discourses of progress and justice. These works break with the common sense of equality and expose how national mottos are constructs that exclude. Order for whom? Progress for what? Who gets left out when these mottos are proclaimed?

### 5. The Everyday as a Battleground

Works such as *Dicionário Língua Portuguesa – Dourado*, *Verde e Amarela*, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Quilombos* (displayed on top of a fragment of Portuguese cobblestone pavement), and *aparaDOR – História do Brasil Negra* reveal how racism infiltrates everyday structures: language, landscape, and at home. The land of Quilombo dos Palmares and urban fragments reappear as elements of memory and critique. What racist structures do you normalize in daily life? Where do the wounding words hide?

### 6. Whiteness in Layers: The Silence of Color

In the paintings *Civilizados Branco sobre Branco I, II*, and *III* and in the sculpture *História e Geografia do Brasil* (presented on top of a rock), the artist uses white paint and inscriptions such as “NEGRO” and “PRETO” to expose historical erasure. These works function as simultaneous layers of denial and reinscription, questioning who has the right to write history — and with

which words. What does it mean to write about Black bodies using white paint? Which stories have you never heard?

### 7. Flirting with the Colony: Affections as Heritage

The sculpture *Cena de Galanteio II*, placed beside the exhibition’s title, proposes a critical reading of the romantic imaginary inherited from colonial culture. Made with decorated porcelain, quilombo soil, and Portuguese cobblestones, it reveals how even flirting and affection have been shaped by power relations. What is romanticism in a country marked by slavery? How can emotional bonds also be colonial?

### References

- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.  
 Carneiro, S. (2023). *Escritas de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra.  
 Ferreira da Silva, D. (2024). *O dízimo impagável*. São Paulo: Cobogó.  
 Moreira, A. J. (2019). *Racismo recreativo*. São Paulo: Pólen.  
 Bispo dos Santos, A. (2021). *Colonialismo, quilombos: Modos e significados*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.

### Biographies

Sérgio Adriano H Joinville (SC), 1975

Visual artist, photographer, performer, and Afro-diasporic researcher, with over 25 years of experience. He lives and works between Joinville, Florianópolis, and São Paulo. A graduate in Visual Arts and Master in Philosophy, he was selected in 2014 as one of the 30 most influential artists in Santa Catarina, with his biography included in the book *Construtores das Artes Visuais: Cinco Séculos de Artes em Santa Catarina*.

Among his achievements, the highlight is the Cruz e Sousa Medal (2022), the highest honor in the arts granted by the State of Santa Catarina. In 2024, he was named one of the three finalists for the Mario Pedrosa Award from ABCA, the Brazilian Association of Art Critics, which recognizes national prominence in the arts. That same year, he received the IV Palmares Art Award - Januário Garcia Photography Prize. Throughout his career, he has received 40 awards, participated in over 220 exhibitions, and has works in 21 public collections.

His research is grounded in an Afro-diasporic and decolonial perspective, in which body, memory, and social critique intertwine. Through objects, photographs, videos, and performances, he explores the thresholds between life and death, presence and erasure, confronting the mechanisms of systemic racism, colonial violence, and the necropolitics that shape the contemporary world.

Sérgio Adriano H’s work challenges official narratives by questioning what he calls “presented truth”, “fabricated truth”, and “fake news”, exposing how power discourses construct silencing and erase Black presences. His works address racial identity,

gender, violence, invisibility, and social exclusion, reinscribing Afro-Brazilian memory into public and symbolic space.

Acting as a device of reexistence, his performances and installations evoke absent stories, unspoken words, and ancestral legacies stolen by colonialism. By turning silence into presence, his art creates fractures in dominant narratives, exposing the colonial mechanisms that still seek to erase Black potential, and affirming the vital force of memory and the political body in the face of necropolitics.

—

#### Juliana Crispe

Curator, researcher, professor, art educator, and visual artist. Activist for the rights of women, Black, Indigenous, and LGBTQIAP+ communities. She holds a Bachelor's degree in Fine Arts, a teaching license, and a Master's in Visual Arts from the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). She holds a Ph.D. in Education from the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) and a postdoctoral degree from UDESC. She coordinates Projeto Armazém, which promotes - through exhibitions, seminars, workshops, art fairs, and its collection - works such as multiples and artist publications in both small and large editions. She also leads Armazém Coletivo Elza, a feminist collective dedicated to promoting art, culture, education, childhood, public health, and empowerment. She is a professor in the Visual Arts program at UDESC's Center for the Arts and a member of the Associação Brasileira de Críticos de Arte (Brazilian Association of Art Critics).

—

#### Claudinei Roberto da Silva

Born in 1963 in São Paulo (SP), where he lives and works, Claudinei is a Black visual artist, curator, and art educator. He holds a degree in Art Education with a specialization in Fine Arts from the Universidade de São Paulo (USP). In 2002, he was a CNPq fellow for his research project *Desenho, fundador de linguagem*, supervised by Professor Dr. Jorge Aristides Carvajal. In 2011, he was awarded a fellowship in the U.S. Department of State's International Visitor Leadership Program. Between 2011 and 2013, he coordinated the Education Department at the Museu Afro Brasil. In 2016, he joined the curatorial team of the 13th Bienal Naïfs do Brasil at Sesc Piracicaba (SP). Alongside Cauê Alves, Cristiana Tejo, and Vanessa Davidson, he is co-curator of the 37th Panorama of Brazilian Art at the São Paulo Museum of Modern Art (MAM-SP), where in 2023 he curated the exhibition "Mãos – 35 anos da Mão Afro-Brasileira". He frequently collaborates with cultural institutions in São Paulo and throughout Brazil.

—

#### Renata Felinto

Is a visual artist, researcher, and educator. She holds a B.A., M.A., and Ph.D. in Visual Arts from Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), with a specialization in Curatorship and Museum Education from Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). She completed a postdoctoral residency as a visiting artist at the University of Pennsylvania (USA). She is an Adjunct Professor at the Universidade Regional

do Cariri (URCA), also teaching in the Professional Master's in Arts program. She leads the NZINGA research group (CNPq) and served two terms as Coordinator of the Visual Arts Program. As curator of the 15th Naïfs do Brasil Biennial, she received the Miguel Arcanjo de Cultura Prize (2021). Her work has been exhibited at Centro Cultural São Paulo (CCSP), Museu de Arte do Rio (MAR), Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), SESC, Kunstmuseum Wolfsburg and Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). She participated in the 12th Mercosur Biennial and exhibitions such as *Histórias Afro-Atlânticas, Dos Brasis*, and *Enciclopédia Negra*. She has received awards from PIPA, Select, and the *Salão Anapolino* (2020).

#### Technical details of the works on display

**AFROFUTURISMO**, 2023, 21,7 x 4,7 x 15,3 cm  
Intervention with the word "AFROFUTURISMO" in low relief on the front and back cover of the book *O Mundo do Futuro*

**AparadDOR**, 2022, 88 x 43 x 21 cm  
Furniture leg (sideboard), seven porcelain bells used to summon a "servant," cord with glue and soil from the Quilombo dos Palmares

**AparadDOR – História do Brasil Negra**, 2024, 31 x 84 x 5 cm  
Wooden clock painted with soil from the Quilombo dos Palmares and the cover of the book *História do Brasil II*

**AparadDOR invisível II**, 2024, 140 x 25 x 8 cm  
Used broom from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) metal fence tip from a "Casa Grande", and guinea fowl feathers

**AparadDOR invisível III**, 2024, 23 x 133 x 7 cm  
Used broom from the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), crystal bell used to summon a "servant," and guinea fowl feathers

**Arte no Brasil – NEGRAS II**, 2023, 29 x 25 x 4 cm  
Intervention on the cover of the book *Arte no Brasil*; ed. 1/2

**Arte no Brasil – NEGROS II**, 2023, 29 x 25 x 4 cm  
Intervention on the cover of the book *Arte no Brasil*; ed. 1/2

**Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?**, 2018  
27 x 20 x 2,5 cm  
Intervention on the cover of the book *Coleção Tempo de Saber – Como Funciona?*

**desCOLONIZAR**, 2023, 34 x 52 x 2 cm  
Intervention on a page from the book *História do Brasil*

**desCOLONIZAR CORpos**, 2025, various dimensions  
Pedestal made from construction material collected in various Brazilian cities and soil from the Quilombo dos Palmares

**desCOLONIZAR CORpos**, 2025  
30.08.25—16h, Performance

Blanket made from recycled material discarded on the streets of São Paulo by a person in a vulnerable situation, with a banner reading "DEsCOLONIZAR" in African-inspired typography, where the letter "S" is overwritten by the letter "X"

**DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUÊSA – Dourado**, 2020  
12 x 27,2 x 19,6 cm  
Intervention on the book *Dicionário Língua Portuguesa*

**Diligência III**, 2014  
Photo-performance – 80 x 120 cm  
Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

**Diligência IV**, 2014  
Photo-performance – 80 x 120 cm  
Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

**Diligência V**, 2014  
Photo-performance – 80 x 120 cm  
Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

**Diligência VI**, 2014  
Photo-performance – 80 x 120 cm  
Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 3/3

**Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – QUILOMBOS**, 2022  
37,5 x 51 x 32,8 cm  
Intervention on the cover of the book *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, with the word "QUILOMBOS" cut in low relief and painted with soil from the Quilombo dos Palmares, placed over a Portuguese cobblestone sidewalk from the historic center of São Paulo

**Enciclopédia Ilustrada do Brasil I**, 2021, 34 x 26 x 2 cm  
Intervention with a painting image taken from the book *Arte no Brasil*, applied to the cover of *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*

**Enciclopédia Ilustrada do Brasil II**, 2021, 34 x 26 x 2 cm  
Intervention with image collage on the cover of *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*

**Enciclopédia Ilustrada do Brasil III**, 2021  
87 x 28 x 7 cm  
Cutout from the cover of *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*, furniture fragment (sideboard) and braided hair

**ESCOLA VIVA desCOLONIZADO**, 2023, 18 x 21,7 x 2,3 cm  
Intervention on the book *Escola Viva*

**Grande Enciclopédia Larousse Cultural – PRETO – NEGRO**, 2021, 27,4 x 20,5 x 2,5 cm  
Intervention on the cover of the book *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*

**Grandes Poetas Românticos do Brasil**, 2019  
80 x 100 x 20 cm  
Intervention using letters from dictionary covers glued over

the book *Grandes Poetas Românticos do Brasil*

**Guia dos Bens Tom\_Ados do Brasil I**, 2019  
50 x 47 x 79 cm  
The book *Guia dos Bens Tombados do Brasil* with 526 pages hand-cut, placed on a street vendor's folding table; ed. 2/10

**Guia dos Bens Tom\_Ados do Brasil II**, 2019  
20 x 20 x 3,5 cm  
Map composed of 526 pages cut from the book *Guia dos Bens Tombados do Brasil*; ed. 2/10  
Art Collection Sesc Brasil / Acervo Departamento Nacional (Rio de Janeiro/RJ); ed. 1/10 (2018)

**Guia dos Bens Tom\_Ados do Brasil III**, 2019  
50 x 47 x 79 cm  
The book *Guia dos Bens Tombados do Brasil* with hand-cut pages, covered with brazilwood powder, placed on a street vendor's folding table layered with soil from the Quilombo dos Palmares; ed. 1/10

**História da Colonização Portuguesa do Brasil – DEsCOLONIZAR**, 2022, 49 x 73 x 28,5 cm  
Intervention on the cover of the book *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (98th Monumental Edition, commemorating the first centenary of Brazil's Independence – Litografia Nacional, Porto, 1921), with the word "DESCOLONIZAR" engraved in low relief on a Bible stand

**História do Brasil**, 2020  
Photography – 80 x 120 cm  
Print on Fine Art paper; ed. 1/10

**História e Geografia do Brasil**, 2022, 28 x 27 x 13,5 cm  
Intervention with cutout and mud from the Córrego do Feijão dam in Brumadinho/MG on the cover of the book *História e Geografia do Brasil* and a rock

**Históricos Brasileiros – desCOLONIZADO**, 2022  
32 x 46,5 x 5 cm  
Installation – collage of cut letters from the book *Arte no Brasil* on the cover of the book *Grandes Personagens da Nossa História – Mapas Históricos Brasileiros*

**MERITOCRACIA**, 2022, 23 x 25,5 x 10,6 cm  
Low-relief intervention with the phrase "HOW MANY BLACK DOCTORS HAVE EVER TREATED YOU" on the cover of the book *DIET DIET MANUAL* and an oratory

**MERITOCRACIA II**, 2023, 35 x 54 x 4 cm  
Tray with the word "MERITOCRACY," soil from the Quilombo dos Palmares, and an image of Dom Pedro II's wedding from the book *História do Brasil*

**Mudança I**, 2012  
Photo-performance – 80 x 120 cm  
Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
Collection Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3; Prêmio 10º Salão Elke Hering

**Mudança II**, 2012

Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
 Collection Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3;  
 Prêmio 10º Salão Elke Hering

#### Mudança III, 2012

Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
 Collection Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3;  
 Prêmio 10º Salão Elke Hering

#### Mudança IV, 2012

Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/3  
 Collection Museu de Arte de Blumenau (MAB); ed. 2/3;  
 Prêmio 10º Salão Elke Hering

**NA ESCOLA DE JESUS – NEGROS II**, 2018, 26,5 x 20 cm  
 Intervention on a page from the book *Na escola de Jesus*, with the word “NEGROS” cut out and placed over an image from *Arte no Brasil*

**Negro II**, 2025, 12 x 89 x 10 cm  
 Shovel handle, soil from the Quilombo dos Palmares and Brasília, and metal fence tip; ed. 1/2 ; ed. 1/2

**Negro\_a. Preto**, 2019, 200 x 200 cm  
 Sticker print; ed. 1/100  
 Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), ed. 2/100

**O Presidente da República Zumbi dos Palmares**, 2023  
 60 x 50 x 4 cm  
 White paint, collage of the picture of Brazil’s first President, Deodoro da Fonseca, cut from the book *História do Brasil* (Volume II, Bloch Editores, 1972), with soil from the Quilombo dos Palmares and Brasília on canvas; ed. 2/2

**OBRAS**, 2025, 19,3 x 4,5 x 14,3 cm  
 Intervention with flip-flop strap and Brasília soil on the book *OBRAS*

**Ordem e Progresso I**, 2019, 27,5 x 21 x 3 cm  
 Collage on a book page

**Ordem e Progresso II**, 2019, 27,5 x 42 cm  
 Collage on a book page

**Ordem e Progresso III**, 2019, 27,5 x 21 x 3 cm  
 Collage on a book page and soil from the Quilombo dos Palmares

**respirARnegro**, 2021, 20 x 20 cm  
 Sticker print on PVC; ed. 1/100  
 Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), ed. 2/100

**respirARnegro II**, 2022, 28 x 50 x 32,5 cm  
 Print of the new definition Negro\_a. Preto over the book *Nova Dicionário Aurélio* and a piece of Portuguese cobblestone sidewalk from the historic center of São Paulo

series **A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA – \_EGRO\_**, 2019  
 Assemblage – 28 x 47,5 cm

Collection Fabiano Pries Devide

series **A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA – Rugendas**, 2019  
 Assemblage – 28 x 47,5 cm

series **BRASIL BRASILEIRO – A Coisa**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Africanos**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/50  
 Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

series **BRASIL BRASILEIRO – Cabelo**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Serigrafia sobre roupa de bebê e cabide acrílico; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Caro Professor**, 2019  
 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Credooooo**, 2019  
 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/50  
 Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

series **BRASIL BRASILEIRO – Denegrir**, 2019  
 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Desde quando**, 2019  
 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/50  
 Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

series **BRASIL BRASILEIRO – Essa é**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Frases que Já Ouvi I**, 2021  
 35 x 30 x 8 cm  
 Silkscreen on baby clothing; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Mercado**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Não Sou**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Nasceu**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/10

series **BRASIL BRASILEIRO – Ué**, 2019, 40 x 30 x 2 cm  
 Silkscreen on baby clothing and acrylic hanger; ed. 1/50  
 Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/50

series **CENA DE GALANTEIO – I**, 2025, 39 x 28 x 20 cm  
 Porcelain vase with courtship scene print, soil from the Quilombo dos Palmares, Saint George’s sword (snake plant), and a Portuguese cobblestone sidewalk fragment from downtown São Paulo

series **CENA DE GALANTEIO – II**, 2025, 35 x 61 x 30 cm  
 Porcelain vase with courtship scene print, soil from the

Quilombo dos Palmares, Saint George’s sword, the book *Grandes Poetas Românticos do Brasil*, and a Portuguese cobblestone sidewalk fragment from the historic center of São Paulo

series **CENA DE GALANTEIO – III**, 2025, 25 x 25 x 2,5 cm  
 Porcelain plate with courtship scene print and soil from the Quilombo dos Palmares

series **CENA DE GALANTEIO – V**, 2024, 17 x 17 x 2,4 cm  
 Porcelain plate with courtship scene print, glued with soil from the Quilombo dos Palmares onto a Portuguese cobblestone sidewalk fragment from the historic center of São Paulo

series **CHÁ – Chão I**, 2025, 35 x 25 x 20 cm  
 Porcelain teacup with courtship scene print and soil from the Quilombo dos Palmares, placed on a Portuguese cobblestone sidewalk fragment from the historic center of São Paulo

series **CHÁ – Chão II**, 2024, 30 x 80 x 30 cm  
 Porcelain teacup with courtship scene print glued with soil from the Quilombo dos Palmares, placed on a stone sidewalk fragment from the historic center of São Paulo and a colonial pedestal with soil from the Quilombo dos Palmares

series **CORpo-MANIFESTO – DECOLONIAL**, 2022  
 Photo-performance – 80 x 150 x 2 cm  
 Print on fabric mounted on broomstick; ed. 1/5

series **CORpo-MANIFESTO – Desterro**, 2022  
 Photo-performance – 150 x 80 x 2 cm  
 Print on fabric mounted on broomstick from the Museu de Arte de Santa Catarina; ed. 1/10

series **CORpo-MANIFESTO – Largo do Paço**, 2022  
 Photo-performance – 80 x 150 x 2 cm  
 Print on fabric mounted on broomstick; ed. 1/10

series **CORpo-MANIFESTO – Topo do Mundo I**, 2023  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **DEsCOLONIZAR – Ajoelhe-se para si**, 2022/2025  
 85 x 131 x 43 cm  
 Cut purple velvet fabric attached to a metal broomstick from the Pinacoteca de São Paulo, fixed to a metal fence tip from a “Casa Grande,” and kneeler upholstered in purple velvet fabric

series **DEsCOLONIZAR – Ajoelhe-se para si**, 2022/2025  
 24.07.2025—16h30, Performance, 23’  
 In this performance, the artist kneels on the kneeler and remains in a prayer position for 23 minutes. This work references the alarming statistic that every 23 minutes, a Black person is killed in Brazil

series **desCOLONIZAR CORpos – Lanceiro II**, 2022  
 Photo-performance – 100 x 150 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/10

series **desCOLONIZAR CORpos – Louvre III**, 2023  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **desCOLONIZAR CORpos – Louvre IV**, 2023  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **desCOLONIZAR CORpos – Louvre V**, 2023  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **desCOLONIZAR CORpos – Louvre VI**, 2023  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **desCOLONIZAR CORpos – REFLEXOS I**, 2023  
 Photo-performance – 150 x 100 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **desCOLONIZAR CORpos – REFLEXOS III**, 2023  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **HISTÓRIA DO BRASIL – Branca**, 2021, 25 x 32 cm  
 White paint on a page from the book *História do Brasil I*  
 Collection Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação

series **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” – Branco sobre Branco**, 2021, 60 x 50 x 4 cm  
 White paint, collage and stamp on canvas; ed. 2/2  
 Collection Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); ed. 1/2

series **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” – Branco sobre Branco I**, 2021, 60 x 50 x 4 cm  
 White paint, collage and stamp on canvas; ed. 2/2  
 Collection Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); ed. 1/2

series **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” – Branco sobre Branco II**, 2021, 60 x 50 x 4 cm  
 White paint, collage and stamp on canvas; ed. 2/2  
 Collection Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP); ed. 1/2

series **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” I**, 2021  
 60 x 50 x 4 cm  
 White paint, collage and stamp on canvas; ed. 1/2

series **HISTÓRIA DO BRASIL – “Civilizados” III**, 2021  
 60 x 50 x 4 cm  
 White paint, collage and stamp on canvas; ed. 1/2

series **HISTÓRIA DO BRASIL – DEsCOLONIZAR**, 2023  
 26,5 x 33,5 x 2,5 cm  
 Intervention on the book *História do Brasil*

series **HISTÓRIA DO BRASIL – Manuel de Araújo**, 2022  
 53,5 x 33 x 2 cm  
 Intervention on a page from the book *História do Brasil*

series **HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO IV**, 2020  
 Photo-performance – 80 x 120 cm  
 Print on Fine Art paper; ed. 1/5

Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 2/5  
Prêmio Salão Victor Meirelles

series **HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO VII**, 2020

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/5

Collection Museu de Arte de Santa Catarina (MASC); ed. 2/5  
Prêmio Salão Victor Meirelles

series **HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO ZERO**, 2020

26,5 x 33,5 x 3 cm

Collage of photo-performance from the series HISTÓRIA DO BRASIL – MARCO on the book *História do Brasil*

series **HISTÓRIA DO BRASIL – SEM HISTÓRIA**

**DO BRASIL – NEGRA**, 2020, 32,5 x 34 x 20 cm

Intervention on the cover of the book *História do Brasil*

series **HISTÓRIA DO BRASIL – Verde e Amarela**, 2021

40,5 x 26 x 3 cm

Intervention on the book *História do Brasil* with collage and toy broom bristles in green and yellow

series **O LUGAR QUE NÃO PERTENÇO – I**, 2018

Photo-performance – 100 x 150 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

series **O Lugar que Pertence**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

series **PALAVRAS TOMADAS – ARTE**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

series **PALAVRAS TOMADAS – Grite**, 2018

Vídeo, 2'38"

Photo-performance printed on paper submerged in bleach

series **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso**

– **Direito das Obrigações**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

Collection Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), ed. 3/10; Fabiano Pries Devide, ed. 4/10

series **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso**

– **Justiça I**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

Collection Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), ed. 3/10; Museu de Artes Visuais da Unicamp (MAV), ed. 5/10

series **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso**

– **Justiça III**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

series **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso**

– **Justiça VI**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

series **PALAVRAS TOMADAS – Ordem e Progresso I**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

Collection Museu do Rio de Janeiro (MAR); ed. 2/10

series **PALAVRAS TOMADAS – Preto**, 2018

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/10

series **SEMANA 22 – Negra I**, 2022

Photo-performance – 80 x 120 cm

Print on Fine Art paper; ed. 1/5

series **SEMANA 22 – Negra II**, 2022

Photo-performance – 80 x 150 x 2 cm

Print on fabric mounted on broomstick from the Museu Nacional da República; ed. 1/5

series **SEMANA 22 – Negra III**, 2022

Photo-performance – 80 x 150 x 2 cm

Print on fabric mounted on broomstick from the Museu Nacional da República; ed. 1/5

series **SONHOS BORDADOS**, 2021, 67 x 63 x 8 cm

Embroidered floor cloth and toy broom

series **SONHOS RECORTADOS**, 2022, 40 x 130 x 3,5 cm

Floor cloth, broomstick from the Casa de Cultura de Joinville,

metal fence tip from a “Casa Grande,” and soil from the

Quilombo dos Palmares

**Sou o Sonho dos Meus Ancestrais**, 2024, 17 x 17 x 2,4 cm

Glued porcelain plate and phrase written on the wall using soil

from the Quilombo dos Palmares

**Tudo I**, 2025, 20 x 10 x 5 cm

Wall-mounted porcelain vase with a courtship scene print,

Saint George's sword (snake plant), and soil from the Quilombo

dos Palmares

**Tudo II**, 2025, 20 x 10 x 5 cm

Wall-mounted porcelain vase with a courtship scene print,

Saint George's sword (snake plant), and soil from the Quilombo

dos Palmares

**Tudo que é vivo incomoda**, 2023

Manifesto – 120 x 40 cm

Print on cotton fabric; ed. 1/10

**Verde Amarela**, 2022

19,3 x 4,5 x 14,3 cm

Intervention on the book *Seleções*, flip-flop strap and mud from

the Córrego do Feijão dam in Brumadinho/MG

**Banco do Brasil** apresenta e patrocina

**CORpo MANIFESTO – Sérgio Adriano H**  
**CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL**

**RIO DE JANEIRO**

23 de julho a 15 de setembro de 2025

[July 23 to September 15, 2025]

**SÃO PAULO**

15 de novembro de 2025 a 9 de fevereiro de 2026

[November 15, 2025 to February 9, 2026]

## EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

Patrocínio | Sponsorship

**Banco do Brasil**

Realização | Realization

**Centro Cultural Banco do Brasil**

Coordenação Geral e Produção Executiva |

General Coordination and Executive Production

**Sandra Checluski Souza**

Curadoria da Exposição | Exhibition Curatorship

**Juliana Crispe**

**Claudinei Roberto da Silva**

Coordenação de Produção RJ | Production Coordination RJ

**Marcela Sá**

Produção | Production

**Lume Cultural**

Expografia | Exhibition Design

**Gero Tavares | Studio Tavares**

Assistência de Expografia |

Exhibition Design Assistance

**Studio Tavares | Luiz Tombini e Iolanda Carvalho**

Identidade Visual e Design Gráfico |

Visual Identity and Graphic Design

**Tina Merz**

Cenografia | Scenography

**Marcenária Polovina | Elias Polovina, Daniel Polovina,**

**Fabrizio Polovina e Edimilson de Jesus Leite**

Assessoria de Imprensa RJ | Press Office RJ

**Target Assessoria de Comunicação |**

**Márcia Vilella, Rafaela Barbosa e Leticia Reitberger**

Cenotécnica e Pintura RJ | Cenotechnics RJ

**B.larte Soluções Técnicas**

Impressão Fine Art | Fine Art Printing

**Arte Ampliada**

Molduras e Acrílicos | Framing and Acrylics

**Syl Arte Moldura**

**Acrílicos Malumi**

Laudos técnicos das obras RJ | Artwork Technical Reports RJ

**Pacová Criativa**

Montagem Fina RJ | White Glove Installation RJ

**KBedim Montagem e Produção Cultural**

Projeto Luminotécnico | Lighting Design

**Caco Tomazzoli**

Montagem de Luz | Lighting Setup

**Jó Calipóteo**

Instalação Audiovisual | Audiovisual Setup

**Linha D Montagens | Iramá Gomes**

Fotografias e Audiovisual | Photography and Audiovisual

**Iroko Filmes**

Tour 360° | 360° Virtual Tour

**Tour Virtual 360**

Textos | Texts

**Juliana Crispe**

**Claudinei Roberto da Silva**

**Renata Felinto**

Revisão e Tradução | Proofreading and Translation

**Felipe Barros de Brito**

Acessibilidade – Audiodescrições e Audioguia |

Accessibility – Audio Descriptions and Audioguide

**Camila Pereira Pires**

Sinalização RJ | Signage RJ

**SMAS Comunicação Visual**

Acesse o tour virtual  
da exposição CCBB RJ:



Agradecimentos | Acknowledgments

Aos que vieram antes. Aos meus Ancestrais. |  
To those who came before. To my Ancestors.

Carlos Franzoi  
Célia Maria Antonacci  
Cleverton Maciel  
Gabriel Rabelo Martins  
Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação  
Jan M.O.  
Laura Melissa Abreu Sousa  
Lucas Vinícius  
Narcisa Checluski  
Moisés Dias  
Priscila do Anjos  
Rafaela Jemmene  
Virgílio Neves  
Ylmar Corrêa Neto

#### CATÁLOGO | CATALOGUE

Organização e Coordenação Editorial | Editorial Coordination  
Sandra Checluski Souza

Textos | Texts  
Juliana Crispe  
Claudinei Roberto da Silva  
Renata Felinto

Projeto Gráfico | Graphic Design  
Tina Merz

Revisão e Tradução | Proofreading and Translation  
Felipe Barros de Brito

Edição 2025  
© Lume Cultural

Este livro foi composto com as tipografias Abolition e Univers Next, e impresso pela Gráfica Cinelândia sobre papel Offset 120g/m<sup>2</sup>. | This book was typeset using the Abolition and Univers Next fonts, and printed by Gráfica Cinelândia on Offset paper, 120g/m<sup>2</sup>.

As fotografias das obras nos espaços expositivos correspondem à montagem da exposição no CCBB Rio de Janeiro. | Photographs of the works installed in exhibition spaces correspond to the CCBB Rio de Janeiro.

Direitos autorais [Copyright]: das obras [of the artworks]: do artista [the artist]. Para as fotografias realizadas com recursos do projeto [For photographs produced using project resources]: Iroko Filmes. Nas páginas 37, 45, 46 e 47, fotografias de Thomas Mendel.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

H, Sérgio Adriano  
CORpo MANIFESTO / Sérgio Adriano H ; curadoria  
Juliana Crispe , Claudinei Roberto da Silva. --  
1. ed. -- Florianópolis, SC : Lume Cultural, 2025.

ISBN 978-65-988258-0-5

1. Artes visuais - Exposições - Catálogos  
I. Crispe, Juliana. II. Silva, Claudinei Roberto  
da. III. Título.

25-290991 CDD-700

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Artes visuais 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



ISBN: 978-65-988258-0-5

produção:

**Lume**  
cultural

**CCBB**  
Centro Cultural Banco do Brasil

realização:

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



produção:

**Lume**  
cultural

**CCBB**   
Centro Cultural Banco do Brasil

realização:

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO